

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Aproximações sobre as origens do ensino público do município de Mairinque
- SP

MAGDA CRISTINA FULAN BELLINI



SOROCABA/SP

Setembro/1999

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Aproximações sobre as origens do ensino público do Município de
Mairinque – SP**

MAGDA CRISTINA FULAN BELLINI
Orientador Prof. Dr. JOSÉ LUÍS SANFELICE



0063992

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Sorocaba/SP
Setembro/1999

**Aproximações sobre as origens do ensino público do Município de
Mairinque – SP**

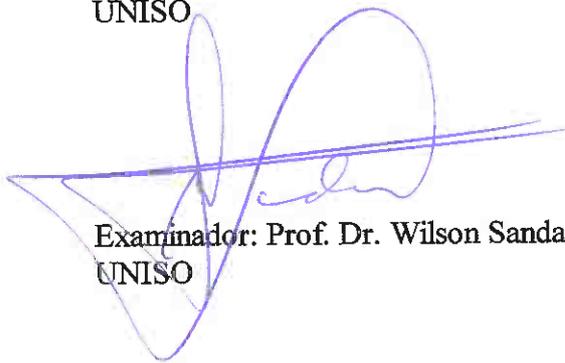
Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade de
Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos
seguintes Professores:



Orientador: Prof. Dr. José Luis Sanfelice
UNICAMP/UNISO



Examinador : Prof. Dr. Hélio Iveson P. Medrado
UNISO



Examinador: Prof. Dr. Wilson Sandano
UNISO

Sorocaba, 25 de outubro de 1999.

DADOS CURRICULARES
MAGDA CRISTINA FULAN BELLINI

Nascimento: 08/04/65

Naturalidade: Sorocaba/SP

Filiação: ANTONIO FULAN e HELENICE CORRÊA FULAN

Formação:

PSICOPEDAGOGIA – Pós- Graduação “lato sensu”

UNISO - Sorocaba/SP.

Concluído em 1996

PEDAGOGIA – Licenciatura Plena, com habilitação em SUPERVISÃO ESCOLAR

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTANA – São Paulo/ SP.

Concluído em 1997

PEDAGOGIA – Licenciatura Plena, com habilitação em ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE BOTUCATU – Botucatu/SP.

Concluído em 1994

HISTÓRIA, Licenciatura Plena

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE SOROCABA – FUNDAÇÃO
DOM AGUIRRE – atual UNISO – Sorocaba/SP.

Concluído em 1989

Temos de acabar com os silenciosos. Dos outros e de nós mesmos. E por essa necessidade da ruptura do silêncio, reivindico que a História é diálogo.

Mercedes Vilanova

Meus sinceros agradecimentos a todas pessoas que contribuíram, acreditaram e confiaram em mim, de uma maneira ou de outra, durante a elaboração deste trabalho, pois sem elas nada seria possível.

Dedico este trabalho à:

Meu marido, que muito me incentivou, apoiou e é sempre meu companheiro;

Meus pais, que me ensinaram a amar, viver, acreditar em Deus; meus mestres da vida;

Minha avó, exemplo de vida, de fé e de bondade;

Meus sogros, pelo carinho e dedicação;

Meus irmãos, pela amizade e amor;

Meus filhos, com alegria e amor, sentido maior do meu viver;

Prof. Dr. José Luís Sanfelice, pessoa que respeito e admiro, cujo saber científico jamais o tornou um elitista e também pela amizade e paciente orientação;

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I : Breve Histórico do município de Mairinque	12
1.1 – A Estrada de Ferro Sorocabana	19
1.2 – Dados complementares do município	23
Capítulo II : Origens do ensino público no município de Mairinque.....	29
2.1 – Fontes de pesquisa.....	29
2.1.1 – Procedimentos da pesquisa	29
2.1.2 _ Arquivo da E.E.P.G. “Prof. Manoel Martins Villaça”	31
2.1.3 _ Arquivo da Divisão Regional de Ensino de Sorocaba (DRESO).....	47
2.1.4 – Arquivo da Estrada de Ferro Sorocabana.....	53
Capítulo III – Memórias sobre as origens do ensino público do município de Mairinque ..	55
3.1 – Antecedentes: Século XIX.....	55
3.2 – Início do Século XX	58
3.3 – Relatos Orais.....	60
IV – Conclusão	68
V – Anexos	70
Anexo 1 – Informações Gerais Sobre o Município de Mairinque.....	71
Anexo 2 – Entrevista: José Francisco de Souza.....	78
Anexo 3 – Entrevista: Desa Lippi Ortolani.....	81
Anexo 4 – Entrevista: Nissia de Oliveira Bastos.....	87
Anexo 5 – Entrevista: José Luiz Bellini.....	89
Anexo 6 – Entrevista: Isabel Pires Barone	94
Anexo 7 – Entrevista: Leonildo Arruda de Moraes	97
Anexo 8 – Entrevista: Ermínio de Moraes e Helvídio de Moraes.....	99
Anexo 9 – Entrevista: Vicentina Nastri de Goes.....	101
Anexo 10 – Entrevista: Emília Miranda Borges Pereira.....	103
Anexo 11 – Entrevista: Tereza Caramante Chesini.....	106
VI – Referências Bibliográficas.....	111

Resumo

Neste trabalho, o autor procura resgatar a história da educação do município de Mairinque, desde sua primeira escola, enfatizando também a fundação da cidade, bem como, suas necessidades de âmbito social.

Ele descreve todos os dados que encontrou disponíveis até o presente momento. Por conta disso, faz uso de fontes escritas, orais e iconográficas.

Na tentativa de praticar a história oral, faz entrevistas com antigos moradores e alunos da primeira escola. Com relação a esses alunos e moradores, do início do século, o autor faz breves colocações sobre os ideais nacionais do período.

Na perspectiva de que pesquisas futuras sejam desenvolvidas a partir deste estudo, o pesquisador deixa aqui sua contribuição. Ainda há muito por fazer.

Abstract

In this work, the author is trying to get the history of Mairinque town council education back ground, since its first school, also emphasizing the town settlement as well as its needs on social range.

He describes all available data found up to the present time. Therefore, he uses written, spoken and iconographic sources.

In the attempt to perform the spoken history, he interviews ancient residents and pupils from the first school. With relation to these pupils and residents from the beginning of the century, short statements about the national ideals from the period are made by the author.

Aiming at future researches to be developed in this study, the researcher leaves here his contribution. There is still a lot to do.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é fazer o resgate histórico de como se deu a chegada da primeira escola no município de Mairinque e o desenvolvimento da educação nesses anos.

Eu sempre tive muito interesse em organizar um documento histórico com a pretensão de contribuir e preservar a memória do município de Mairinque. Fiz entrevistas com antigos moradores, pesquisas de arquivos e publicações em jornais. Esses dados foram de difícil acesso e podem se perder com o tempo.

Quando busquei um objeto de pesquisa não tive qualquer dúvida: seria sobre Mairinque. A área que me fascina é a educação.

Foi por conta disso que dei início à minha pesquisa, acreditando também que ela venha servir de elemento para futuros pesquisadores.

Por volta do mês de agosto de 1997 iniciei a pesquisa de campo onde deparei com inúmeras dificuldades, dentre elas, a maior: as condições em que os documentos mais antigos são guardados, são um obstáculo para o trabalho de resgate histórico. Observei que os registros sempre trazem elogios e não mostram as dificuldades das pessoas de baixo poder aquisitivo, e são sempre breves não permitindo maiores informações.

Apesar de não estar trabalhando a metodologia de ensino do período estudado, as fontes históricas não trazem muitas referências. Eu procurei registrar tudo que tive acesso.

No primeiro capítulo deste trabalho fiz um breve histórico do município de Mairinque, a fim de situar o leitor; faço referência a fatos, marcos e os seus lugares mais importantes. Relatei também a vinda da Estrada de Ferro Sorocabana e a sua importância, pois no início, todo o desenvolvimento da cidade foi fruto da ferrovia. Para concluir este capítulo, apontei alguns dados da atualidade que se encontram no corpo do capítulo ou anexo.

O segundo capítulo contém o relatório da pesquisa de campo, bem como todos os procedimentos desenvolvidos, fiz a descrição detalhada de todo o caminho percorrido e de todas as fontes utilizadas, seja ela uma fonte escrita, uma fonte oral ou ainda iconográfica.

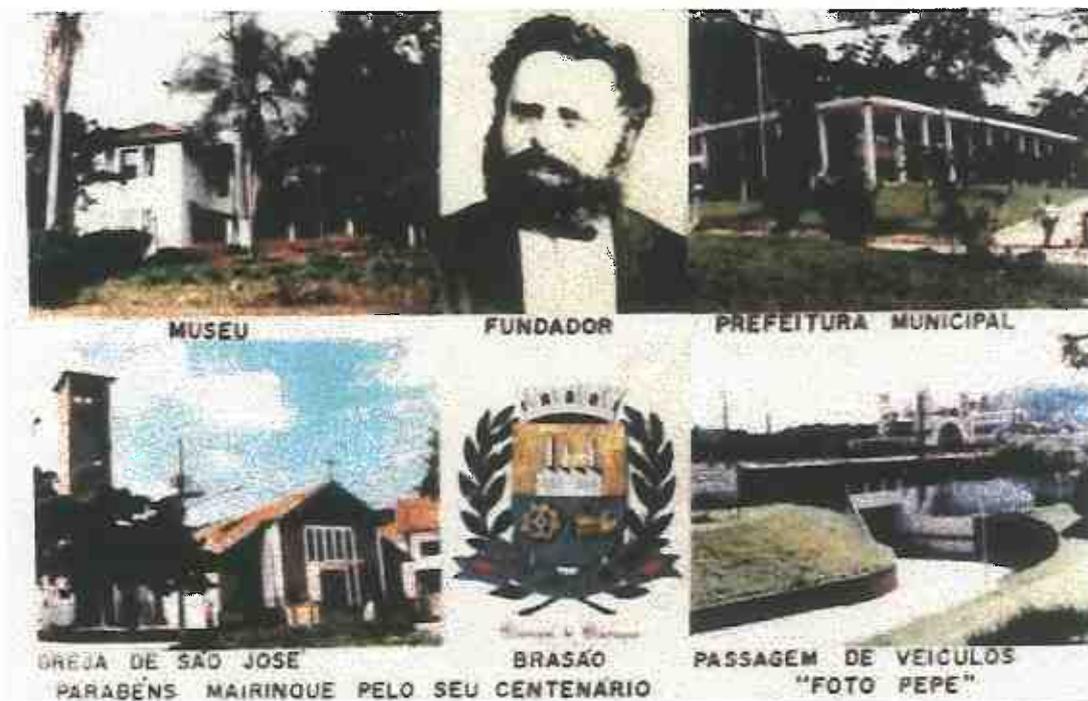
Tentei unir os ideais nacionais de educação, bem como os interesses políticos do período a que faço referência e, sendo Mairinque parte integrante de todo esse contexto, no

terceiro capítulo tratei um pouco da educação no âmbito nacional. E ainda, para tornar mais completa essa perspectiva, dei ênfase às fontes orais para tornar mais completo esse capítulo.

Todos os anexos deste trabalho têm como pretexto incentivar novas pesquisas nesse campo.

Capítulo I:

BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MAIRINQUE



Município de Mairinque — outubro de 1990

O município de Mairinque, que demonstro na foto acima, tem seu princípio em uma fazenda denominada “Cangütera”, palavra guarani que significa “ossada”, acredita-se que no passado fosse um cemitério indígena. A fazenda pertencia a Manuel Joaquim da Costa Nunes (Manduzinho), e depois passou por vários proprietários, sendo o último Antônio Eugênio da Silva Bey, (isto, entre 1840 e1880).

Nesta época o presidente da Companhia da Estrada de Ferro Sorocabana era o Conselheiro Francisco de Paula Mayrink (banqueiro do Rio de Janeiro), que adquiriu desta fazenda, 264 alqueires de terras para expansão da ferrovia, sendo construídos: o pátio de manobras, a oficina, e mais tarde, o atual edifício da estação¹, de linhas arquitetônicas arrojadas, e que foi a primeira obra de concreto armado no Brasil, projetada em 1906, pelo arquiteto Victor Dubugras. Por sua forma estrutural racionalmente dimensionada, serviu como

¹ Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Mairinque – Novembro 1998

modelo precursor, no desenvolvimento posterior da arquitetura contemporânea em nosso país, e por isso mesmo, no intuito de preservar o monumento, foi tombada na gestão do Prof. José Luiz Bellini.²

A fundação da Vila Mayrink³ pelo Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, foi em 27 de outubro de 1890, naquele momento, como distrito e sub-prefeitura de São Roque. Existe uma pá (demonstrada na foto abaixo), feita de jacarandá e prata, com guarnições desse metal nos quatro cantos, ornadas de flores-de-lis que apresentam inscrições deste marco histórico e que desde 27/10/1998, está exposta no saguão nobre do Paço Municipal.

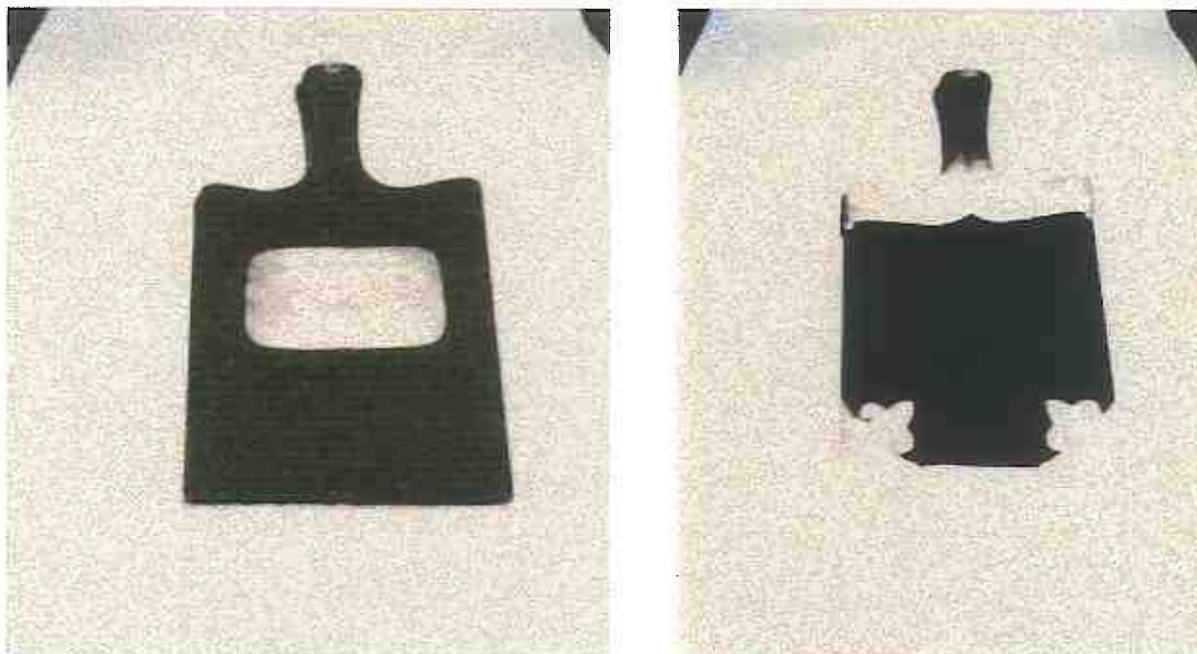


Foto da Pá, símbolo que marca a data magna da fundação do município de Mairinque

Novembro/1998

² Res. 46, Publicada no D. O. E. de 28/10/1986, Projeto de restauração indicado na Carta de Intenção entregue pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Bens Patrimoniais à Prefeitura Municipal de Mairinque em 27/10/1998.

³ 3º Centenário de São Roque, Gráfica André Villani, s.p..

Por volta de 1899, Francisco de Assis Pinto de Oliveira adquiriu uma propriedade no povoado de Mayrink; foi o primeiro proprietário de terras da vila nascente e também o pai da primeira professora pública mairinquense: D. Altina Júlia de Oliveira.

Em 1904, Mairinque elevou-se à categoria de distrito policial, sendo nomeado para o cargo de sub - delegado Carlos Hamann. Cinco anos mais tarde, já em 1909, passou a distrito de paz, sendo investido nas funções de juiz de paz o Bacharel Ernesto Pedrosa⁴.

Devido ao aumento da população, em grande maioria empregados da Sorocabana, houve a necessidade de se construir alojamentos para os solteiros, um hotel, e três quarteirões de moradias. Em cada esquina havia um melhoramento: farmácia, escola, posto policial, açougue,... Depois vieram a iluminação a gás e um vasto coreto, onde se encontra, hoje, o prédio do antigo “Armazém de Abastecimento” da Estrada de Ferro.

Em 27 de outubro de 1890⁵ foi fundada pelo Conselheiro Mayrink, a primeira escola pública de Mayrink. Não passava de uma casa de quatro águas, com um só cômodo de cinco por cinco metros de área. O professor era Antônio Augusto da Silva que vinha dar aula a cavalo e residia em São Roque.

Este registro eu encontrei no livro do Conselheiro Francisco de Paula Mairinque, mas difere do registro do primeiro livro Termo de Visita que está na escola Villaça, no qual o Prof. Tibério Justo da Silva consta como primeiro professor. A chave simbólica dessa escolinha foi conservada por D. Guiomar Mayrink Lessa, intelectual, filha do Conselheiro Mayrink que reside no Rio de Janeiro. Procurada pelo mairinquense Dr. João Gualberto, entregou-lhe a chave⁶ que passou a ser relíquia da sub – prefeitura do distrito de Mairinque.

Novos operários continuaram a chegar vindos de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foram construídas mais casas, um reservatório de água potável e rede de água e esgoto por decantação, pioneira no país, nos idos de 1903 e 1904⁷.

No coreto do jardim, aos domingos e feriados, executava-se programa de boa música, por uma corporação musical fundada em 1903.

⁴ 3º Centenário de São Roque, Gráfica André Villani, s.p..

⁵ Oliveira, João Gualberto de - Conselheiro Francisco de Paula Mairinque, p 24.

⁶ Lessa, Francisco de Paula Mayrink - Vida e Obra do Conselheiro Mayrink, p. 110.

⁷ Oliveira, João Gualberto de - Conselheiro Francisco de Paula Mairinque, p 26.

O Horto Florestal⁸, local histórico de Mairinque, é do ano de 1903, quando o então Superintendente das oficinas de Reparação de Locomotivas da Estrada de Ferro Sorocabana, o Dr. Henrique Sheveng, criou na então Fazenda Sorocabana um centro de lazer com mais ou menos 30 alqueires. No local, o Dr. Scheveng construiu uma confortável residência no centro do Horto Florestal, constituído por matas nativas e com uma fauna rica e variada.

Em 1937, o então Chefe Dr. Jonas Zabrockis, especialista em flora e dotado de grande amor pela natureza, instalou-se com a sua família na casa central e construiu uma capelinha próxima à residência. Trabalhou no Horto Florestal até o ano de 1966, quando aposentou-se.

Hoje o Horto Florestal pertence à prefeitura graças ao primeiro Prefeito de Mairinque, Arganauto Ortolani que através do Ofício 493477/72, propôs a compra do Horto junto ‘a Estrada de Ferro Sorocabana que pertencia ao Estado de São Paulo, no governo Laudo Natel que concordou com a venda, paga em três parcelas: em 1973, 1974 e a última em 1975.

Muitas foram as benfeitorias realizadas através dos diretores e altos funcionários da ferrovia, melhorando assim, as condições de vida em Mayrink. As casas eram de telhas, de duas águas com telhados vermelhos. Mais tarde, ampliou-se a escola, com acomodações sanitárias e outros melhoramentos invulgares na época.

Em 22 de novembro de 1903, fundou-se a “Sociedade Operária Musical Recreativa”, hoje - Sociedade Recreativa de Mayrink, onde seus consócios tinham sessões cinematográficas diárias com tela panorâmica moderna.

Em 13 de novembro de 1939 criou-se a paróquia de São José, quando era arcebispo da diocese, Dom José Gaspar da Fonseca e Silva.

Em se tratando de esportes em 13 de março de 1940, fundou-se o Clube Atlético Mayrink”.

O Grupo Escolar originou-se numa escola isolada que funcionou no “Arraial dos Sapos”, atual Vila Sorocabana, depois de alguns anos instalada em prédio próprio, um dos mais modernos do Estado na época de sua construção, e com vinte classes que comportavam cerca de oitocentos alunos. Denominou-se, E.E.P.G. “Professor Manuel Martins Villaça”⁹, antigo mestre e político de São Roque.

⁸ Coletânea de dados do Município de Mairinque – Biblioteca Municipal s.p..

⁹ Decreto Nº 17.518/47, publicado no D. O. E. de 28/08/1947. Que dispõe sobre a denominação do Grupo Escolar de Mairinque para Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”.

Em 1950, inaugurou-se o Posto de Puericultura “D^a Carminha B. Muylaert”. Em 1951, fundou-se a Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de Mayrink”. Em 1955, criou-se o Parque Infantil “D^a Teresa Cristina Whitaker Ribeiro de Lima”.

Entre seus cidadãos, Mairinque contou com a família Whitaker, formada pelo casal Amélia e José Maria Whitaker¹⁰ que, entre outros cargos, exerceu o de Ministro da Fazenda do governo do presidente Café Filho, em 1.955, além de já ter ocupado os cargos de Secretário da Fazenda e Chefe do governo provisório do Estado de São Paulo, nomeado, pelo então líder do movimento revolucionário de 1930, Getúlio Vargas, que poucos dias depois de fazer estas nomeações, praticamente anulou-a, convocando o Dr. José Maria, para ser o seu Ministro da Fazenda.

Acrescente-se a esses cargos ocupados por José Maria Whitaker, o de Presidente do Banco do Brasil, no governo do Presidente Eptácio Pessoa, onde criou a Câmara de Compensação de Cheques. Em sua vida privada, dedicou-se a negócios, como a criação de uma exportadora de café em Santos e fundou o Banco Comercial do Estado de São Paulo

Sobre a Senhora Amélia¹¹, é preciso lembrar que sempre foi ligada a entidades de assistência social em Mairinque, mas principalmente em âmbito estadual. Em uma ocasião, mais precisamente no ano de 1957, foi eleita “A Mãe do Ano”, por essas mesmas entidades.

No ano de 1950 foi formada a primeira comissão de emancipação do município¹², presidida pelo cidadão Sr. Victorino Villioto e as pessoas: Gastão Bussamara, Maurilio Pereira Araujo, João Chesine, João Lucas Ferreira e Arganauto Ortolani.

Após vários anos de luta, o projeto de emancipação foi aprovado em 27 de dezembro de 1958, sancionada pelo Governador Jânio Quadros em 31 de Dezembro de 1958, Lei nº 5121, publicado no mesmo dia.

Sendo assim constituída a comissão de Emancipação: Presidente Sr. João Chesine; Tesoureiro Sr. Francisco Bertolini; Secretário Sr. Arganauto Ortolani ; membros: José Francisco dos Santos e Luiz Zapparoli.

¹⁰ 3º Centenário de São Roque, Gráfica André Villani, s.p..

¹¹ 3º Centenário de São Roque, Gráfica André Villani, s.p..

¹² Jornal MK Cidade, 27/10/82, entrevistado Sr. Arganauto Ortolani.

A cidade passou, a município a partir de 1 de Janeiro de 1959, e neste mesmo ano houve eleições. O primeiro prefeito Argonauta Ortolani foi empossado em 1 de Janeiro de 1960, bem como, os vereadores que compuseram a primeira Câmara deste município: João Lucas Ferreira; Luiz Zapparoli; Severino Simões de Almeida; Valdemar Pereira; Abel Souto; Antônio César Neto; Ataliba da Silva; João Chesine; José Angelini; Orlando Silva e Raul Carvalho.



Cons. Francisco de Paula Mayrink



Igreja Matriz de Mairinque

Setembro/1997



Sociedade Recreativa Mairinque

Setembro/1997

1.1 - A ESTRADA DE FERRO SOROCABANA



Estação de Mairinque

Outubro/1990

Em meados do século XIX, havia um surto de desenvolvimento na província de São Paulo. Em todas as regiões havia um crescimento de produção agrícola e outros produtos, e necessidade premente de dar escoamento a essa produção, principalmente através do porto de Santos.

A zona Sudeste, também era parte desse contexto, e também como as outras, necessitava de um canal de escoamento para a sua produção. Foi quando surgiu a idéia de

ligar, através de uma ferrovia¹³, na progressista cidade de Sorocaba, já na época convertendo-se em verdadeira metrópole regional.

Na verdade, a semente para a criação da Estrada foi em Itu, já que os ituanos queriam construir uma estrada férrea que ligasse aquela cidade até a cidade de Jundiaí, ponto terminal da ferrovia inglesa, como veremos a seguir. A idéia era levantar em Sorocaba a quantia de 300 contos para comprar ações da Estrada que ligaria Itu a Jundiaí se os ituanos se propusessem a construir um ramal estendendo-o até Sorocaba. Esta proposta foi rejeitada de imediato por ser considerada antieconômica.

Com a rejeição, pensaram os sorocabanos em realizar por si mesmos tal ligação, e por conta disso, formou-se a Companhia Sorocabana, com um capital estimado em apenas 1.200 contos.

Entretanto, de estudos em estudos foi se verificando que o ideal seria mesmo, ligar Sorocaba até a capital da província. Por que não construir uma via férrea que tivesse seu marco inicial na fábrica Ipanema e que chegasse a São Paulo, passando por São Roque?

O capital que era apenas de 1.200 contos, elevou-se para 4.000 contos e no mês de maio de 1871, o governo imperial concedeu licença para se por em prática aquela iniciativa. Em 10 anos este sonho tornou-se realidade. Iniciada no ano de 1870, sua construção prolongou-se até 1880.

A primeira reunião que marcou a fundação da ferrovia aconteceu no dia 02 de fevereiro de 1870, em Sorocaba. Em 10 de julho de 1875, com grande festa, chega a Sorocaba o trem inaugural. A incorporação da Companhia Paulista, em 30 de janeiro de 1868 que ligou Campinas a Jundiaí, alertou e criou nos ituanos, outra cidade que despontava na região, o desejo de usufruir das comodidades que os trens estavam dando a todas as regiões da província. Em Jundiaí, por exemplo havia chegado os trilhos da São Paulo Railway Company, que foi incorporada à Companhia Paulista e os ituanos também começaram a sonhar com uma possível ligação entre Itu e um ponto terminal da chamada Estrada Inglesa - ou Campinas ou Jundiaí, o que aconteceu a 18 de abril de 1873 com a chegada do trem a Itu, procedente de Campinas. Em 1892 completou-se a Companhia Ituana fazendo fusão com a Sorocabana,

¹³ Santos, Joaquim Silveira - São Roque de Outrora, pp. 368 - 372.

quando foram assentados os trilhos no trecho entre Itu a Mayrink, unificando as duas companhias.

Na verdade um nome deve ser lembrado na construção da Estrada de Ferro Sorocabana, o Engenheiro Luiz Matheus Maylask, de origem austríaca, nascido na cidade de Lendberg, que graças ao seu espírito de iniciativa e de empreendimento, iniciou os primeiros passos da nova ferrovia. Foi o seu primeiro presidente e de imediato conseguiu dar um avanço comercial muito grande. Aproveitando-se disso, meteu-se em empreendimentos e projetos mais arrojados de alcance superior às suas forças. Daí sofreu acusações gravíssimas de desonestidade e por ter dado prejuízos enormes à Companhia. Os acionistas nomearam então, para examinar as contas e escrituração da Sorocabana, um relator, o Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, que em assembléia geral realizada em maio de 1880, emitiu parecer em que articulava um a um os dados e fraudes encontrados, atribuindo-os, todos, ao Engenheiro Maylask.

Por unanimidade o engenheiro foi destituído do cargo de presidente, por essa Assembléia que além de propor à nova Diretoria Interina, promoveu responsabilidade criminal contra os atos por ele praticados.

Os trens eram nesse tempo formados de três vagões pequenos, e entre São Paulo e São Roque havia apenas duas estações: as de São João e Barueri, e entre São Roque e Sorocaba, apenas a de Pirajibu. Corria apenas um trem de ida e um de volta, gastando a média de cinco horas entre a capital e Sorocaba

Com a ferrovia em pleno funcionamento, aparece no cenário outro nome que iria também ser de importância vital para os destinos da Estrada. Tratava-se do Conselheiro Francisco de Paula Mayrink¹⁴, que em 1880, com mais alguns financistas chamou a si a responsabilidade do destino da ferrovia, mediante a compra de um bom número de ações, dando, a partir daí, um maior desenvolvimento à ferrovia.

Em 1880, o Conselheiro assumiu a direção da ferrovia onde permaneceu até 1893. Foi durante a sua direção que as linhas foram se estendendo por esse interior paulista chegando a Botucatu e Tatuí. Deu-se a fusão das Companhias Ituana e Sorocabana, formando a Estrada de Ferro Sorocabana.

¹⁴ Oliveira, João Gualberto de - Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, pp. 15 – 17.

Em 1893, quando Mayrink deixou a Direção da Estrada, esta já contava com oitocentos e vinte quilômetros de ferrovia, compreendidos no trecho entre São Paulo a Botucatu, e em seus diversos ramais como o de: Boituva a Tatuí, Cerquilha a Tietê, de Itaici a Jundiá, de Itaici a Itu, de Itaici a Piracicaba.

Coube a esse empreendedor a difícil tarefa de construir o ramal entre Mayrink a Santos, uma das principais vias de escoamento dos produtos por via marítima.

A Estrada de Ferro Sorocabana seguiu seu destino e serviu por muito tempo a toda região do Oeste do Estado de São Paulo, atravessando fronteiras, chegando a outros países como Bolívia através de ligações com outras estradas.

Hoje faz parte do conglomerado de ferrovias ligadas ao Estado sob o nome de Ferrovias Paulistas S.A (FEPASA).



Maria Fumaga — Horto Florestal

setembro/1997



Estação de Mairinque

Outubro/1990

1.2 - DADOS COMPLEMENTARES DO MUNICÍPIO

Neste segundo item volto colocando dados atuais do município e procurando ampliar o leque de informações e fechar com clareza este capítulo.

A - Sr. Arganauto Ortolani, primeiro Prefeito de Mairinque, governou o município até 1963 quando foram realizadas novas eleições e eleito o Sr. João Chesine(1964-1968). Seguiram-se pela ordem os Srs.: Arganauto Ortolani (1969-1972); Sr. João Chesine (1973-1976); Antônio Alexandre Gemente (1977 - 1982); José Luiz Bellini (1983 - 1989); Antônio

Alexandre Gemente (1990-1993); José Luiz Bellini (1994-1997) e atualmente o Sr. João Ideval Cômodo, eleito em 1997¹⁵.

B - Atualmente Mairinque, além do centro, conta com bairros populosos de destaque na vida do município, como: Jardim Cruzeiro, Vila Sorocabana, Vila Nova Mairinque, Jardim Vitória, Jardim Flora, Bairro Porta do Sol, Bairro Dona Catarina, Bairro Moreiras, Jardim Waldes, Bairro São José, Bairro Três Lagoinhas, Bairro Setúbal, Bairro Oriental, Bairro Cristal, Bairro Mato Dentro, Vale da Esperança, Residencial Park, ReneVille, Jardim D'Oeste, Jardim Brasília, Bairro do Marmeleiro, Bairro Granada, Vila Barreto, Bairro Monjolinho, Recanto dos Eucaliptos, Recanto dos Pescadores e Bairro Canguerinha.

C - Os símbolos¹⁶ do município são:

- símbolo da fundação de Mairinque: a pá feita de jacarandá, já mencionada anteriormente.

- A Bandeira cuja medida oficial de 1,95 m x 1,35 m apresentando em seu campo três partes iguais, sendo a primeira junto à driça verde que simboliza a esperança, a alegria, o entusiasmo, a riqueza e a liberdade; no outro lado sobre o campo branco que evoca a vitória e a pureza, o ideal, há o brasão de armas do município nas suas cores ou esmalte; no terceiro campo o azul simboliza a lealdade, o saber, a majestade, a prudência e a serenidade. A bandeira foi instituída pela Lei 804 de 1977.

¹⁵ Banco de Dados P. M. Mairinque.

¹⁶ Coletânea de dados da Biblioteca Municipal de Mairinque.



Bandeira do Município de Mairinque

Janeiro/1999

- O Brasão tem formato redondo, português, evocando a nossa origem, apresentando-se cortado e partido. No primeiro campo, de ouro, que simboliza a riqueza, a força, a fé e a constância, o perfil de uma fábrica evoca, a potencialidade industrial do município; no segundo campo de blau, uma roda dentada ou polia, que evoca a ação, o movimento contínuo e o progredir do município pela capacidade de seus administradores e o seu Povo; o terceiro campo, de blau, que simboliza a sinceridade, uma locomotiva de ouro, além de evocar o progresso, a intensa atividade do município, faz presente a segurança do rumo do seu porvir pela admirável capacidade do povo de Mairinque. O ramo de louro é a glória, o triunfo e a recompensa do dever bem cumprido; o ramo de carvalho, na sua cor natural, a perene lembrança do trabalho, da realização e do empreendimento seguro. No listel de blau, em letras de ouro, a legenda: “Itinere Meo Lux Refulget” (No meu caminho resplandece a luz). A coroa mural de prata, com oito torres, é o símbolo heráldico do município. O Brasão foi instituído e estabelecido pela Lei 97 de 1962.



O Brasão símbolo de Mairinque

Novembro/1998

- Além desses símbolos temos que mencionar o hino oficial do município denominado “Canto à Mairinque”, com letra do Prof. José Pinto do Amaral e letra do Maestro Benedito de Camargo. A história da adoção do hino tem suas ramificações, já que desde quando foi o Prefeito, o Sr. João Chesine, instituiu através do Decreto Lei nº 1452 de 24/10/1976, que aprovou e regulamentou a Lei 736/76 de 24/5/76, autorizando a Prefeitura Municipal a realizar um concurso para instituição do hino oficial. Não se soube muito bem porque não teve o seu seguimento normal. Em uma outra ocasião o projeto foi barrado pelo então Prefeito, o Dr. Antônio Alexandre Gemente, que alegou ilegalidade. Foi só no mandato do Prefeito Professor José Luiz Bellini, na década de 90, mais precisamente em 1991, que através de uma lei de autoria do vereador Paulo Assini Júnior de nº 1665/91 de 10/12/91, sancionada pelo prefeito é que Mairinque pode finalmente ter o seu hino oficial.

CANTO À MAIRINQUE

I

O progresso conduzindo
Para as bandas do ocidente,
trilhos férreos que se estendem
lançam aqui sua semente.

II

Onde outrora foi Cangüera
do Tupi o nome primeiro,
hoje ostenta em homenagem
o que lembra o Conselheiro.

III

Das terras do Manduzinho
eis o mais belo recanto,
um prêmio da natureza
a irradiar seu encanto.

IV

Ao nascer co'a ferrovia
herda força e diligência,
e no ardor da evolução,
jovem ganha a independência.

V

A cidade inda menina,
neste outeiro cresce, avança,
e o verde cinto que a envolve
resoluta breve alcança.

VII

É Mairinque destacada,
por seu clima, por sua gente,
esta terra acolhedora,
onde tão feliz se senti.

VIII

Solo rico e produtivo,
com razão seu povo canta;
frutos vários e deliciosos,
tudo dá que aqui se planta.

IX

Colinas tão verdejantes,
Oh que ar puro e saudável!
molduras de eucaliptos
a difundir aroma afável.

X

Um rincão privilegiado
dá a seus filhos ufanía
e os que buscam seus domínios
Rogam-lhe a cidadania.

XI

Ao citá-lo, assim em versos,
tão modestos quão sinceros,
ponho aqui minha amizade
Ao local que tanto quero.

VI

Oh cenário mairinquense;
pitoresco e invulgar;
de paisagem mui singela
lindo cromo está a lembrar.

XII

Que se orgulha de seu povo
de conduta modelar,
e que tem como divisa
O trabalho, a fé e o lar.

Capítulo II:

ORIGENS DO ENSINO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE MAIRINQUE

2.1 - FONTES DE PESQUISAS:

2.1.1 - PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Para realizar essa pesquisa foi necessário uma intensa pesquisa de campo e levantamento de fontes primárias, coletando dados em bibliotecas, museus, entrevistas, publicações da época encontradas nos arquivos da antiga EFS (Estrada de Ferro Sorocabana) e da antiga DRESO (Divisão Regional de Ensino de Sorocaba) e nos arquivos da Delegacia de Ensino de São Roque, por onde iniciei esta caminhada.

Eu solicitei, em primeiro momento autorização à Dirigente Regional de ensino da Delegacia de São Roque para uma pesquisa em documentos antigos que mencionassem qualquer dado sobre o tema em questão.

A Dirigente da região Profª Sebastiana Godinho Delfim, não só deu a devida autorização como encaminhou-me a outros setores da própria Delegacia, onde por certo, eu encontraria mais informações que se somariam as encontradas nos arquivos. Assim pude solicitar ajuda do Professor Benedito Walter Botega, um dos supervisores de ensino mais antigos o qual informou-me que todos os documentos relativos a uma escola desde a sua criação até o seu funcionamento regular em primeira instância eram dirigidos à Secretaria do Governo em São Paulo, a seguir, após os estudos realizados, esses documentos eram encaminhados à extinta Divisão Regional de Ensino de Sorocaba e deveriam ter sido enviados para esta Delegacia de Ensino, após extinta a Divisão Regional.

A Delegacia de Ensino, se tivesse algum documento interessante, por certo estaria com o Professor Wladimir Nardelli, Assistente Técnico de Planejamento o qual responde pelo setor de escrituração patrimonial e possivelmente com a funcionária Virgínia, responsável pelo arquivamento de fichas com registros de dados escolares.

O Professor Wladimir me forneceu plantas e fotos do antigo prédio da Escola Prof. Manoel Martins Villaça. Também conversei com a Professora Aparecida Luvizoto Medina

Martins Arruda, supervisora que me forneceu fichas com dados atuais da educação no município de Mairinque, e residente que é nesta cidade, ocupa o cargo de Presidente do Conselho Municipal de Educação.

Contei também com o depoimento, que faço referência a seguir, do Professor José Luiz Bellini que muito contribuiu com a educação neste município e que leciona na Escola Villaça.

Coloco com muito carinho o nome da Professora Stella Maris Melguizo Chesine, esposa do Sr. Luiz André Chesine, filho da Professora Thereza Caramante Chesine, que viria a ser uma das Diretoras mais atuantes do Grupo Escolar prof. Manoel Martins Villaça”. Através deles pude ter acesso a fotos e documentos pertencentes a Senhora Diretora, já que era contemporânea da Professora Altina Júlia de Oliveira, de quem tratarei mais adiante, uma das pessoas mais importantes no campo da educação: a primeira professora de Mairinque.

Essa pessoa entrevistada foi de suma importância devido a lembrança que guardava em sua memória desde os primórdios do ensino nesta cidade. Trata-se da Sra. Desa Lippi Ortolani, cujo depoimento transcrevo na íntegra. Também fiz uma entrevista com um dos cidadãos mais influentes e importantes de Mairinque, o Sr. José Francisco dos Santos, “Zé Enfermeiro”, como é carinhosamente conhecido por toda a população, o responsável pela enfermaria da antiga Estrada de Ferro Sorocabana, criada para atender aos funcionários da empresa. Embora tenha vivido no período inicial do desenvolvimento da Estrada, em termos de educação não lembrava de muitos dados, além de estar hoje na casa dos 90 anos de idade.

Conversei também com João Roberto Pinto Figueiredo (Pelica), escritor, jornalista o qual muito colaborou para a preservação da história de Mairinque e que me forneceu algumas fontes de pesquisa. Ele fez referência a professora Nissia que trabalhou por 20 anos em Mairinque na chamada Escola do Sindicato a qual entrevisto em meu trabalho.

Antônio Roque, nascido em Mairinque, que tem gravado em sua memória grande parte da história de Mairinque, acompanhou-me à busca de montar esse “quebra-cabeças”.

Entrevistei também como ex-aluna Dona Isabel Pires Barone, uma das pessoas residente na cidade, e também os Srs. Leonildo, Helvídeo e Hermínio de Moraes, irmãos ex-alunos da Escola Villaça, assim como a Professora Emília Miranda Borges e também a ex-professora Nissia de Oliveira Bastos e Vicentina Nastri.

Iniciando este trabalho a que me propus, deixo claro que, tomo por base a atual Escola Estadual de 1º Grau “Prof. Manoel Martins Villaça”, localizada na sede do município de Mairinque, por ser esta, segundo apontaram todas as fontes, a primeira escola pública da localidade.

2.1.2 - ARQUIVO DA E.E.P.G. “PROF. MANOEL MARTINS VILLAÇA”¹⁷



E.E.P.G. "Prof. Manoel Martins Villaça" – setembro/1997

¹⁷ Manoel Martins Villaça, filho de Sebastião Martins Villaça e de Maria Leocádia da Silveira, nasceu em São Roque, no dia 19 de abril de 1858. Na sua infância, filho de colonos, aprendeu as primeiras letras na então Vila de São Roque. Em 1876 matriculou-se na Escola Normal de São Paulo, concluindo o curso de Professor primário em 1877 encaminhando assim para as ciências, iniciando aí a sua auto educação. Em sua própria casa fundou a sua escolinha isolada. Em 1878 foi nomeado professor da 2ª cadeira do sexo masculino na cidade de São Roque. Em fevereiro de 1894 alistou-se no 1º Batalhão de Voluntários Paulistas.. Tendo sido criado o Grupo Escolar de São Roque, em setembro de 1894, foi nomeado seu Diretor. Mais tarde deixando a Direção permaneceu como Adjunto até a sua aposentadoria concedida após mais de trinta anos de exercício. Ocupou o cargo de Presidente da Câmara e de Prefeito do Município de São Roque. Militou no antigo PRP, no tempo de Bernardino de Campos. Lutou pela Abolição, ao lado de Antônio Bento. Na falta de médico exerceu a medicina em São Roque, foi também dentista, pelo Tribunal de Justiça obteve provisão de advogado, sobressaindo-se no ramo criminal. Prestou relevantes serviços a população por ocasião das epidemias de varíola, febre amarela e gripe, em várias épocas assolando o município, atuando principalmente no distrito de Mairinque. Faleceu em sua residência no dia 14 de março de 1924 e por solicitação de sua família e pelo Decreto nº 17.518/47, seu nome foi perpetuado no Grupo Escolar de Mairinque, que a partir de 28/08/1947 passou a denominar-se GRUPO ESCOLAR “PROF. MANOEL MARTINS VILLAÇA”.

Entrei em contato com os seguintes documentos:

- Livros de termos de visitas do Inspetor Regional¹⁸
- Livros de matrículas¹⁹
- Livros de registros de inventários e despesas

Meu primeiro contato com a direção da escola foi muito agradável. Coloquei o meu interesse em pesquisar o histórico da Escola. A Diretora Neuza Marinho Piaia autorizou o início da pesquisa.

Por volta do mês de agosto de 1997 dei início à pesquisa de campo onde encontrei minha primeira dificuldade: “O ARQUIVO MORTO”. Todos temos idéia do que seja um arquivo e neste, encontrei todos livros em prateleiras, apesar de não existir algum tipo de ordem. Não se dispõe na rede estadual de ensino funcionários nas escolas para o trabalho mais necessário, quanto menos para cuidar do “ARQUIVO MORTO”.

Separei todos os livros e coloquei os mais antigos em cima de uma mesa para retornar no dia seguinte. Quando retornei à escola, no dia marcado, não encontrei nenhum livro em cima da mesa. Estavam todos novamente na prateleira. Isso ocorreu várias vezes, mesmo deixando avisos.

Eu acredito que ninguém da limpeza conseguiu entender o meu interesse por aqueles velhos livros!

Em certos momentos sentia-me muito desanimada, mas continuei, e estes são os dados mais antigos que nesta escola encontrei:

O primeiro registro data do ano de 1893 o qual citava a Escola Preliminar do Sexo Masculino, localizada no Bairro Canguera, Distrito de São Roque.

Observei que os registros são anuais e as páginas não são numeradas e que existe a possibilidade de algumas folhas terem se extraviado com o passar do tempo.

¹⁸ Conferir o Quadro de Dados.

¹⁹ Conferir o Quadro de Dados.

O teor destes termos²⁰ abordava o número de alunos presentes na data da visita, o número de alunos matriculados para o ano letivo, orientações ao professor, tanto ao funcionamento como a metodologia, sempre de maneira sucinta, geralmente tecendo elogios de um modo geral.

O primeiro professor citado nos termos é o Professor Normalista Tibério Justo da Silva e o Inspetor Júlio César D'Oliveira, em 20/10/1893.

No ano 1894 o Inspetor Júlio César D' Oliveira vacinou os alunos da escola e foi auxiliado pelo Professor Manoel Martins Villaça.

Esta denominação: Escola Bairro de Canguera, estende-se até 1905, quando, a partir de 1906, passa a denominar-se Escola Bairro Canguera/Estação Mayrink, e aqui nota-se o primeiro momento em que se registra a presença da ferrovia.

Em um dos registros do ano de 1909, está destacado o aparecimento de uma moléstia contagiosa que se alastrou pela localidade e que influiu na frequência normal dos alunos.

Também data deste ano, uma nova alteração na denominação da escola do sexo masculino, passando-se a chamar Escola do Sexo Masculino Vila de Mayrink, e a partir daí, há registros de mais de uma visita do inspetor por ano à escola.

Neste mesmo ano, 1909, em um livro de registro de matrícula, encontra-se o nome da escola como: Escolas Reunidas de Mayrink.

Em um segundo livro de termo de visita, deste mesmo ano, há o registro de mais uma escola no Bairro Sebandilha, também direcionada ao sexo masculino a qual existe até hoje e está vinculada a E.E.P.G. "Prof. Manoel Martins Villaça"

Esta escola do Bairro Sebandilha, no ano de 1912, passou a funcionar no bairro vizinho, Bairro Setúbal, com salas de aula maiores, onde ficou até 1915. Em 1916 volta para o Bairro Sebandilha.

Encontrei neste mesmo livro de termo, o registro do trabalho desenvolvido pelo professor junto à comunidade, para o aumento de alunos matriculados.

A Primeira Escola para o Sexo Feminino data de 1904, sendo a Professora Benta de Almeida Pinto. Esta informação retirei do Livro Termo de Exames.

²⁰ Observar Quadro e Anexos.

Em 1916 ficou registrado, em um dos termos, a vacinação feita na Escola.

Notei que nos livros de matrícula era registrada a nacionalidade dos pais onde os mais citados são: alemães, italianos, portugueses, espanhóis e japoneses.

No ano de 1918, houve uma epidemia de gripe “espanhola”, fazendo com que o ano letivo, encerra-se em 18 de outubro, deixando prejudicado aquele referido ano escolar.

No ano de 1923 foi criada a Escola Feminina Rural do Bairro Setúbal, passando em 1926, para Escola Mista Rural do Bairro Setúbal, hoje E.E.P.G. “PROF. HORÁCIO RIBEIRO”.

Aparecem, a partir de 1926, nos termos, a citação de porcentagem de freqüência dos alunos.

Um fato curioso que influenciava na baixa freqüência dos alunos, além das epidemias, era também a época de colheita de frutas, já que era a principal fonte de renda das famílias rurais e que utilizava toda mão - de - obra disponível, para esse trabalho.

Em 1925 começam a ser registrada a porcentagem de alunos alfabetizados, alunos promovidos e alunos conservados²¹.

Por estes dados encontrados, observei que a escola, em seu início, foi dirigida integralmente ao sexo masculino, pelo menos até o ano de 1904²².

²¹ O mesmo que reprovado.

²² Os quadros resultam dos apontamentos que realizei quando consultados os livros Termo de Visitas, Matrículas e Inventários e despesas; encontrados no arquivo da Escola.

ANO	S É R I E	Nº DE ALUNOS MATRICULADOS		RESULTADO FINAL						PROFESSOR	INSPECTOR	OBSERVAÇÕES	
		MASC	FEM	TOT	APROVADOS		REPROVADOS						
					1ª EP	2ª EP	TOT	1ª EP	2ª EP				TOT
1893 20/10											Tiberio Justo da Silva (Professor- Cidadão)	Júlio Cezar D'Oliveira (Inspetor Do 24º Distrito)	16 alunos presentes; na casa onde funcionava a escola; escola preliminar do Bairro Canguera, município São Roque.

1894 07/6			Tibério Justo da Silva (Professor- Normalista- Cidadão)	Júlio Cezar D'Oliveira (Inspetor Literário do 24º Distrito)	Nesta visita o Inspetor Julio vacinou os 15 alunos presentes auxiliado pelo Prof. Manoel Martins Villaza.
1894 19/7			Tibério Justo da Silva (Professor- Cidadão)	Julio Cezar D'Oliveira (Inspetor Literário Do 24º Distrito)	O Inspetor não faz referência a número de alunos; Assiste o exercício de História Natural; Sempre elogia o Professor.
1895 06/05			Tibério Justo da Silva	Julio Cezar D'Oliveira	Escola Preliminar do sexo masculino. 19 alunos recebendo instrução.

1896 21/9	39	39								Julio Cezar D'Oliveira	22 alunos recebendo instrução
1899 13/7	20	20								Narciso Augusto da Silva (Substituto)	17 alunos recebendo instrução
1900 22/3										Virgilio Cezar dos Reis	
1901 07/3	21	21								Narciso Augusto da Silva (Interino)	Mayrink (Canguera).
1902 25/4	32	32								Fernando Sigmão (Preliminar)	13 alunos recebendo instrução; Não é legível a assinatura do inspetor.
										Antonio Augusto da Silva	28 alunos frequentes.
										Mário de Arantes	

1903 12/6	28	28	Antonio Augusto da Silva	Virgilio Cezar Dos Reis	19 discípulos presentes ; 9 alunos que não figuram na matrícula por não apresentarem atestado de vacina que a Câmara Municipal lhes vai fornecer.
1904 22/3	46	46			30 alunos presentes; A assinatura do Inspetor não é legível
1905 17/8	45	45		Virgilio Cezar Dos Reis	34 alunos presentes.

1906 06/4	41	41	26	02		João Lourenço Rodrigues – Comissão Examinadora de Exames Finais: Presidente- Bento Antonio Pereira; Examinadores - Antonio Villaçã E Pedro Marquet.	Cita – Bairro de Canguera, aliás Estação de Mayrink.; 36 alunos presentes.
1907 24/10	37	37	27	13	Antonio Augusto Da Silva	Ramon Roca D.. CC.E. : Presidente – Bento Antonio Pereira; Examinadores: Antonio De Moraes Rosa e Alarico de Oliveira.	31 alunos presentes.

1908 05/11	38	38	23	11	Antonio Augusto Da Silva	Aristides de Macedo. C. E. : Pres. Bento Pereira; Exames. Tiberio Justo Da Silva E Germano Negrini.	Cita, Bairro de Canguera/Estação Mayrink.; 28 alunos presentes.
1909 28/07	40	40	24	07		João C. B. R. Junior. C. E. : Pres. Antonio Domingos França; Exames. Honorato Faustino de Oliveira e Antonio Aguiar.	14 alunos analfabetos e 14 presentes; A pequena frequência era devido ao aparecimento de moléstia contagiosa na localidade.
1909 09/11	37	37			Antonio Augusto Da Silva	Mauro Martins Villares (Presidente Da Câmara Municipal)	Cita, Villa de Mayrink.; 36 alunos frequentes.

1910 25/02	34	34	19	02		João C. B. R. Junior. C. E. : Pres. José Antonio Pedroso; Exames. Manoel de Oliveira Rosa e Arlindo Osvaldo Baptista.	Cita, Mayrink; 32 alunos presentes e 10 analfabetos.
1910 25/08	34	34					25 alunos presentes.
1911			16	13		C.E. : Pres. Augusto de Oliveira; Exames. Sebastião Silvestre Neves e Arthur Eugenio da Silva P. Junior.	

1912 27/02	40	40	22	14	Antonio Augusto da Silva	Antonio Morato de Carvalho. C. E. : Pres. Francisco Martins de Oliveira; Exames. Bento Antonio Pereira e Alfredo de Lima.	33 alunos presentes e 30 alunos analfabetos.
1912 14/04	41	41			Antonio Augusto da Silva	Antonio Morato de Carvalho	33 alunos presentes e 30 analfabetos.
1912 09/10	40	40			Antonio Augusto da Silva	Antonio Morato de Carvalho	11 aprenderam a ler promovidos da 1ª secção "a" para a classe "b" da mesma secção; 28 alunos presentes.

1913 24/03	45	45	15	21	Edmundo de Paula Santos	Francisco Martins. C.E. : Pres. Bento Antonio Pereira; Exams. Alfredo De Lima E Quintino Walfango De Lima.	29 alunos presentes.
1913 06/05	44	44			Edmundo de Paula Santos	Aristides de Macedo	35 alunos presentes e 24 analfabetos.
1913 31/07	41	41			Edmundo de Paula Santos	Aristides de Macedo	32 alunos presentes e 23 alunos analfabetos.
1913 27/11	36	36			Edmundo de Paula Santos	Aristides de Macedo	30 alunos presentes e 16 analfabetos.
1914 21/01	38	38			Edmundo de Paula Santos	Francisco Martins	34 alunos presentes

1914 18/02	37	37								Edmundo de Paula Santos	Aristides Macedo	30 alunos presentes e 18 alunos analfabetos
1914 28/08	32	32									Aristides Macedo	23 alunos presentes e 12 alunos analfabetos.
1914 09/10	30	30									Aristides De Macedo	19 alunos presentes e 10 alunos analfabetos.
1915 26/04	34	34								Luiz Onofre de Oliveira	Francisco Martins	26 alunos presentes
1915 05/06	28	28								Luiz Onofre de Oliveira	Cypriano da Rocha Lima	23 alunos presentes.
1915 05/08	36	36									José Carlos Dias	34 alunos presentes.
1915 13/_	37	37								L. Pedrozo de Oliveira – Prof. Substituto	Francisco Martins	27 alunos presentes.

1915 14/07		37	37																Benedito M. Galoso	30 alunos presentes.
1915 21/07		37	37																José Luís De Brito	31 alunos presentes.
1915 15/10		35	35																	Não está legível a assinatura do inspetor; 29 alunos presentes e 13 analfabetos.
1916 10/03		47	47																Francisco Martins	35 alunos matriculados que foram vacinados pelo fiscal sanitário Manoel Martins de M.
1916 30/03		45	45																Julio Pestana	39 alunos presentes.

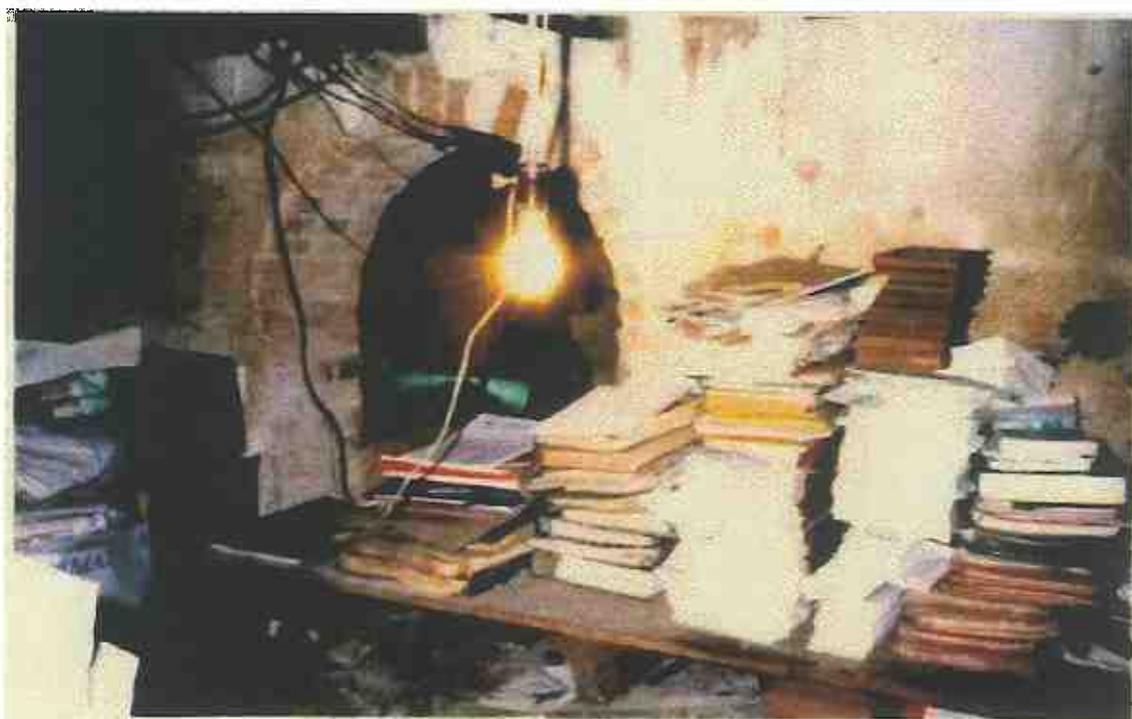
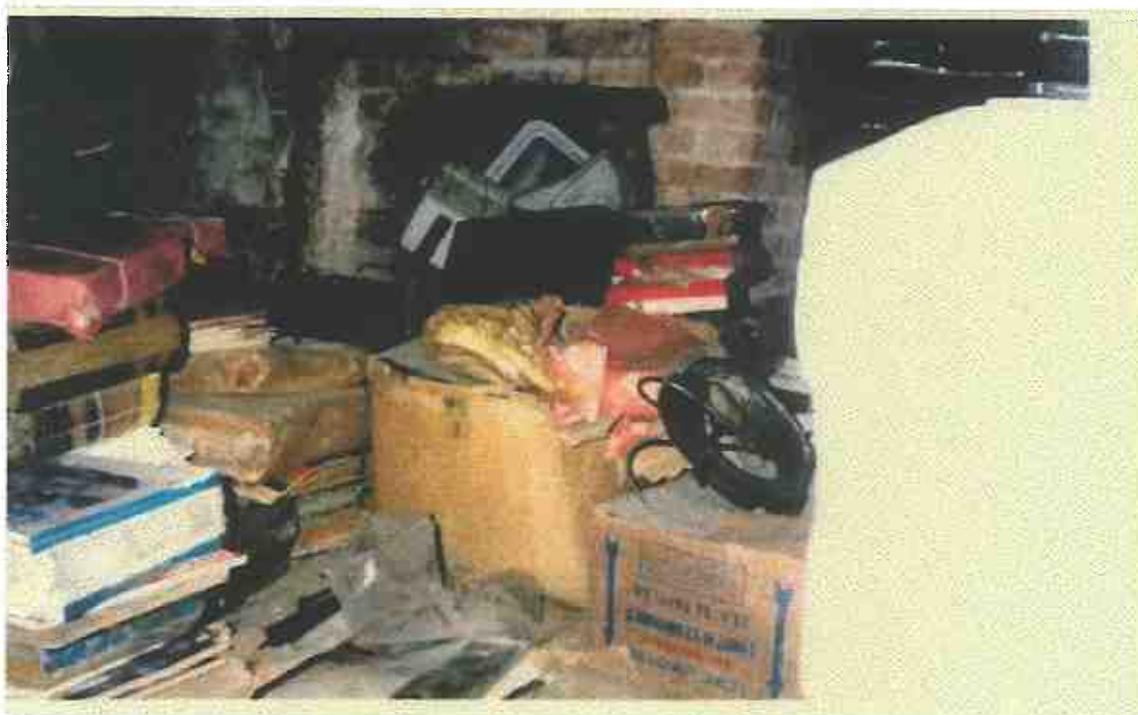
1916 31/03	45	45																Leopoldo De Sant'anna	41 alunos presentes e 24 alunos analfabetos.
1916 09/09	50	50																Leopoldo de Sant'anna	38 alunos presentes e 21 alunos analfabetos.
1917 19/04	35	35																Aristides de Macedo e Antonio de Oliveira (Inspetor Municipal)	29 alunos presentes.
1917 14/08	44	44																Benedito Galoso	29 alunos presentes.
1917	42	42																Benedito M. Galoso	

2.1.3 - ARQUIVO DA DIVISÃO REGIONAL DE ENSINO DE SOROCABA (DRESO)



Porão Delegacia de Ensino de São Roque

setembro/1998



Parão Delegacia de Ensino de São Roque

setembro/1998

Na ficha de prédios escolares do antigo Departamento de Educação, hoje Coordenadorias de Ensino do Estado, encontrei os seguintes dados:

- Estabelecimento: GRUPO ESCOLAR “PROF. MANOEL MARTINS VILLAÇA
- Localização: Avenida 10, nº 128 (hoje Av. Dr. Gaspar Ricardo Júnior)- ponto mais alto da Vila, na rua principal.
- Município: São Roque - Distrito: Mairinque
- Data de preenchimento da ficha: 20 de agosto de 1951.
- Histórico do Prédio:
 - O prédio foi construído para alojar o pessoal da Estrada de Ferro Sorocabana, que executava a duplicação da linha, sendo, portanto, doado pela ferrovia e adaptado.
 - Dimensão do terreno: 39,70 m de frente por 43,65 m de fundo.
 - Data de instalação da escola, no prédio: 17/03/1932
 - O prédio passou por reformas no decorrer dos anos para atender as necessidades de demanda de matrículas, até chegar ao que temos hoje.

Vale destacar, que por acaso, no porão da Delegacia de Ensino “José Fernandes da Silva”, município de São Roque, onde hoje encontram-se guardadas essas fichas que descrevi anteriormente, encontrei uma pasta datada do ano de 1958, com dados referentes à Escola Técnica de Comércio Barão de Piratininga - São Roque - Distrito de Mairinque, podendo observar nesta pasta:

- Que era uma firma mantida por Reis Teixeira & Mello Limitada;
 - Cursos oferecidos: Comercial Básico e Técnico de Contabilidade;
 - O prédio da E.E.P.G. Prof. “Manoel Martins Vilaça”, seria cedido pelo Estado por dois anos
 - Diretor - Fábio Teixeira
 - Secretário - Simas Eneas Lopes de Mello;
 - Vice-Diretor: Araçari Leite Cavalcanti
 - Diretor Tesoureiro: Heréles Reis
-

- Esta Escola funcionava somente no período noturno, uma vez que durante o diurno, o prédio era ocupado pelos cursos mantidos pela Secretaria da Educação do Estado.

- Funcionaram no ato da criação da escola, o laboratório, a sala de mecanografia, escritório modelo, respectivamente, na sala dos professores, na cozinha e em uma das salas de aula.

- Esta Escola foi a primeira de ensino técnico e privado que se instalou no município

- Segundo o laudo do Inspetor Federal Sr. Álvaro Lion de Araújo, datado de 02 de fevereiro de 1959, ao Ministério da Educação e Cultura, e que faz parte do processo de instalação da escola, o qual verificou as condições do prédio, encontram-se os registros a seguir:

- O prédio, construído pelo Estado segundo modelo padrão para suas escolas, possui um total de 11 salas de aula. A construção obedece as mais rigorosas exigências da pedagogia moderna. Situa-se em ambiente saudável, isento de poeiras, emanções e ruídos, em local distanciado da via férrea ou de trânsito intenso de outros veículos, bem como, de pregões de anúncios ou casas de diversões que possam perturbar as aulas. Foi construído sobre terreno natural, mais ou menos plano, de 2.000 m², com fácil escoamento das águas pluviais, porém protegido contra a erosão. Possui 306 m² de área coberta para recreio e abrigo, num total de 1.176 m² de construção. A área descoberta mede 500 m².

- O edifício é de sólida construção, moderno e funcional, de linhas sóbrias e ótimo acabamento, cores claras e harmoniosas sobre paredes e tetos incombustíveis. Possui dois pavimentos com todas as faces isoladas suficientemente de prédios vizinhos. A distribuição dos corredores e da escada permite fácil acesso às salas de aula e às salas especiais.

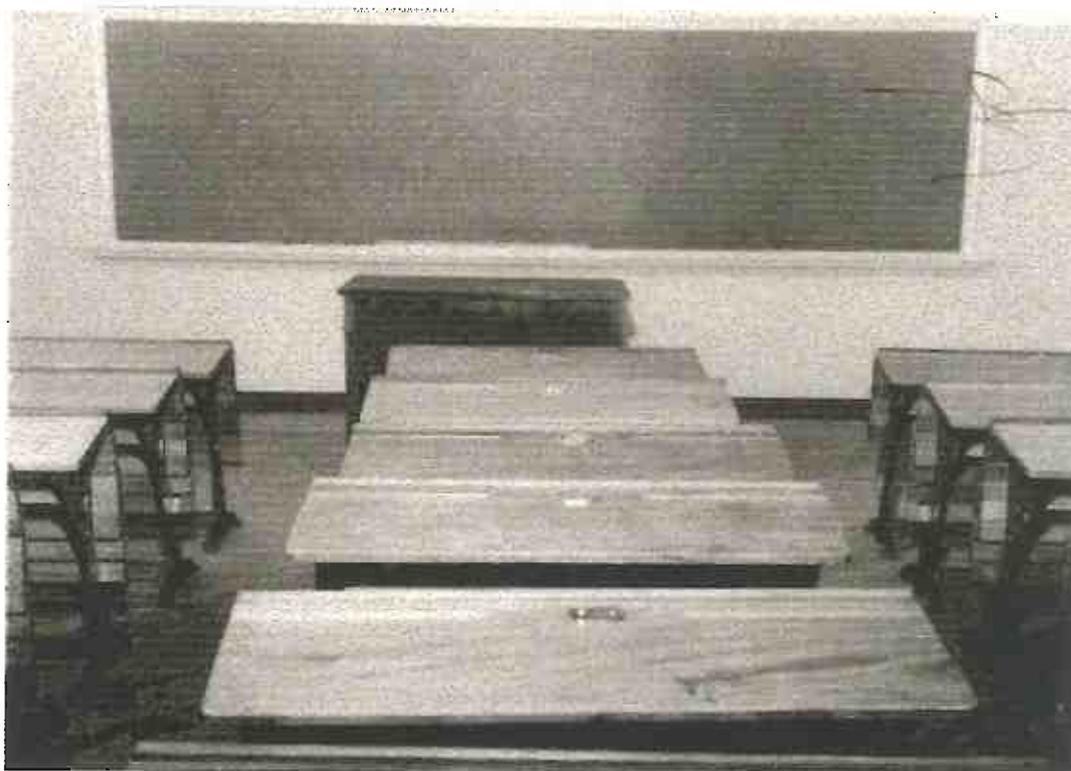
- O prédio possui extintores de incêndio, três caixas d'água, ligadas à rede municipal, com capacidade para 3000 litros, bebedouros, em número de três, embutidos, dotados de filtros.

- Existe um total de onze salas de aula padronizadas de 41 m², retangulares, com ampla incidência de luz pelo lado esquerdo e ventilação por meio de basculantes. Os quadros negros, em número de dois em cada sala, são embutidos. As salas apresentam ótimas condições de acústica.

- O prédio possui imobiliário condizente com sua magnífica construção e com as exigências da técnica pedagógica.
 - Há salas especiais para laboratório, escritório modelo e biblioteca.
 - As instalações sanitárias são revestidas de azulejo, possuem lavatórios e vasos de cerâmica vidrada do tipo “standard” além dos acessórios necessários; têm piso de ladrilhos e distribuem-se do seguinte modo:
 - Aparelhos sanitários para alunos.
 - Aparelhos sanitários para alunas.
 - O edifício está ligado à rede de esgoto local, o lixo nele é colhido pelos caminhões da Prefeitura e a campanha elétrica tem circuito próprio, um interno e outro externo.
 - O edifício está situado no populoso distrito de Mairinque, centro ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana. Localiza-se à Avenida Dr. Gaspar Ricardo Júnior, a principal artéria residencial de Mairinque, ampla avenida de escoamento fácil para o trânsito, dista poucos metros do centro do Distrito. Este é servido por ônibus confortáveis e modernos que o ligam ao centro da cidade de São Roque, bem como pelos trens, inclusive suburbanos da E.F.S.
 - A Escola possui instalações sanitárias modernas, feitas com materiais de primeira, observadas sempre as proporções pedidas, 1 para cada 50 alunos.
 - Sanitários masculinos são em número de 4 , com bacias de louça esmaltada, e caixa de descarga.
 - Quatro lavatórios de louça esmaltada, com torneira a pressão, e espelhos sobre eles.
 - Quatro mictórios de louça esmaltada, com torneiras para limpeza.
 - O piso das instalações é de ladrilho.
 - Sanitários femininos são em número de 4, com bacias esmaltadas e caixa de descarga.
 - 4 lavatórios de louça esmaltada, com torneira de pressão e espelhos sobre eles.
 - O piso das instalações é de ladrilho.
-



Grupo Escolar de Mayrink — não consta data



Grupo Escolar de Mayrink — não consta data

2.1.4 - ARQUIVO DA ESTRADA DE FERRO SOROCABANA

Sempre à busca de mais dados, por várias vezes obtive a informação de que deveriam existir muitas informações no arquivo da Estrada de Ferro Sorocabana.

Em visita à Biblioteca²³ da atual FEPASA, antiga Estrada de Ferro Sorocabana, situada à cidade de Jundiaí, nos vinte e um dias do mês de julho do ano de 1998, entrei em contato com relatórios ali arquivados onde praticamente não encontrei nada específico sobre a educação. Geralmente esses relatórios citavam despesas, movimento e construções da ferrovia.

²³ Nesta biblioteca se encontra o arquivo da antiga Estrada de Ferro Sorocabana.

Nessa biblioteca também encontrei duas obras que fazem referência à vida e obra do Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, fundador da cidade, e obras com histórias da própria ferrovia.

Capítulo III:

MEMÓRIAS SOBRE AS ORIGENS DO ENSINO PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE MAIRINQUE

3.1 - ANTECEDENTES: SÉCULO XIX

Os dados a seguir foram retirados do trabalho realizado pelo professor Joaquim Silveira Santos, o qual escrevia artigos para o Jornal “O Democrata” da cidade de São Roque, cuja Comarca pertencia à Vila Mayrink, recém fundada, organizado sob o nome de “São Roque de outrora”, Capítulos VI, XXVI, XLVII, XLVIII.

Por volta de 1831, foi criada a primeira escola primaria para meninos, e o professor nomeado por concurso recebia como pagamento a quantia de 200\$000 (duzentos mil réis), por ano, quantia que aparentemente irrisória, nos dias de hoje, não seria assim tão pouco, devido a valorização da moeda na época.

Em termos de disciplina, os professores seguiam a mentalidade da época, de maneira ríspida no tratamento, que por conseguinte guardava a distância entre o professor e o aluno, quando este se submetia ao processo de ensino de maneira subalterna, tendo mais temor que respeito, devido aos castigos físicos que eram empregados para ensinar e disciplinar.

É preciso notar que os alunos que freqüentavam as aulas com a faixa etária de 7 ou 8 anos se apresentavam como verdadeiros rapazes já formados. O método acima era aplicado, bem se sabe, com os meninos. Quanto às meninas educadas por professoras eram tratadas com bastante afeição e carinho.

Os castigos corporais dirigidos aos alunos tomaram grandes proporções chegando mesmo a fazer com que legisladores da Câmara Municipal de São Paulo intervissem e abolissem estes tipos de castigos, embora dois professores tivessem ainda recorrido de tal decisão à Assembléia Provincial.

Os castigos físicos ou corporais, eram sempre representados pela chamada “palmatória”, tipo de castigo aplicado na palma das mãos. Os castigos morais²⁴ eram

²⁴ Relativo à moral e humilhação perante seus colegas.

representados por evidenciar o faltoso em pé ou de joelhos, ou em privá-lo do recreio ou até mesmo a simples menção “em palavra” ou na amostra da palmatória.

Normalmente esses castigos eram usados quando o aluno não cumpria com seus deveres.

Embora a rigidez do ensino na época, registre-se que também alguns professores não se dedicavam tanto assim ao mister de ensinar. Isso foi comprovado por um dos professores que se dedicava muito mais ao seu violão e às conversas com amigos nas vizinhanças da escola, ausentando-se da sala de aula por muito tempo, deixando seus alunos sozinhos por um longo período, transformando as salas em centro de brincadeiras e folguedos.

Justamente aí aparecia o pião, a peteca ou os pinhões. Logicamente, havia um dos alunos sempre em alerta para dar o sinal quando o professor se avizinhava. Isso acontecia, tudo desaparecia como num passe de mágica e o professor ao adentrar a sala encontrava todos lá, devidamente sentados, comportados, como nada tivesse havido.

Na área didática tem-se a registrar que era tudo aprendido de modo mecânico, tudo memorizado, e o que merecia sempre mais atenção era o ensino da “tabuada”. Aliás, quase sempre bem assimilado pelo alunos, os quais entoavam em coro a cada chamada do professor, desde a do dois até a do dez.

O maior martírio, por assim dizer, para a criançada era a aula de leitura; a começar pelo aprendizado do alfabeto, pois tinham que decorar letra por letra, primeiro na ordem direta, depois de trás para frente, e enfim salteadamente.

Seguia-se o trabalho exaustivo de formar todas as sílabas imagináveis, reunindo as consoantes e as vogais. Daí, vinham as lições chamadas “cartas”, iniciando-se com “b - a, ba”, indo até a letra “z”.

Numa seqüência, que ainda consistia-se em penosa para os alunos, vinha a leitura do *Syllabario Português*, livro que trazia em suas primeiras lições palavras com sílabas separadas por hífen. Ao *Syllabario* seguiam-se livros de leitura corrente.

Os mais adiantados já iam começando o estudo da gramática. Vale registrar que o pior nesse campo estava por vir, a leitura dos chamados autos. Para isso o professor arrecadava nos cartórios calhamaços de documentos antiquados, e deveriam, os alunos, que decifrar página

por página os hieróglifos, tão confusos e rabiscados que às vezes nem pelo sentido se podia entender.

O ensino da escrita também era complicado e moroso. No ensino de hoje as crianças começam logo, se não escrevem, pelo menos desenham vocábulos inteiros. Primeiro o seu nome, depois o da escola, a data diária e com repetição das cópias ficam logo conhecendo as letras.

Antigamente aprendia-se por meio de “debuchos”, ou seja, o professor traçava a lápis riscos paralelos com a inclinação que teriam as letras e depois vinha o longo exercício de cobrir com tinta estes “pauzinhos”. Escrevia ainda a lápis o alfabeto que os meninos iam cobrindo, para finalmente passarem a escrever sozinhos.

Consistia, o tirocínio da aritmética, na prática das quatro operações sobre inteiros, frações e juros, mas tudo reduzido a fazer abstratamente as contas, sem os problemas que desenvolvem o raciocínio, e mostram a utilidade dos cálculos.

Mas, o melhor era mesmo o “dia da tabuada”, sempre ansiosamente aguardado para que pudessem cantar em coro casa por casa. Para “dar a lição” os alunos eram divididos em grupos, conforme as casa que decoravam e colocado cada grupo em semicírculo diante da mesa, começava o professor, a sabatina.

A doutrinação religiosa só era ministrada depois que os alunos, já alfabetizados, pudessem ler a “Cartilha” e, a seguir, o “Catecismo”. Decoravam, também as lições marcadas e para tomá-las, o professor chamava-os em grupos, pelo adiantamento. Colocava-os ainda em semicírculos e ia fazendo as perguntas do livro, e o grupo as respondia em coro, repetindo simplesmente o texto sem explicação ou comentário.

Por esses comentários nota-se que não foi fácil o aprendizado no início da Vila Mayrink. O da leitura, sem dúvida, foi o mais difícil, e por causa dele muitos alunos desanimavam e desistiam, constituindo as primeiras evasões escolares. Mas, assim mesmo eram muitos os que, com denodo, se atiravam na ânsia do saber, na ânsia de aprender cada vez mais.

Outro grande problema enfrentado na época foi, sem dúvida, os meios de locomoção. É lógico que com um número exíguo de escolas, os que residiam nas proximidades não tinham qualquer problema, mas os que residiam em áreas mais afastadas, estes sim, padeciam

por falta de condução e a única maneira de chegar até a escola era através de seus próprios pés.

Normalmente as aulas se iniciavam às nove horas da manhã e se encerravam às quatorze horas, com meia hora de recreio, diariamente, variando esse horário em algumas escolas, mas no geral, o padrão seguido era este.

Também o número de escolas era ínfimo e não como hoje onde, praticamente, cada núcleo popular tem a sua escola, com uma infra-estrutura para atender a clientela ao seu redor, com toda uma assistência de ordem didática e financeira invejável, tendo inclusive a merenda escolar, tornando o ensino mais ameno e fácil.

3.2 – INÍCIO DO SÉCULO XX.

Vale lembrar que parte dos entrevistados por esta pesquisa estudou na década dos anos vinte, período da Primeira República e acredito eu, ser necessário expor melhor qual era a visão de Ensino Primário vigente.

Dentre as transformações sociais era marcante a idéia de que tudo dependeria de erradicar o analfabetismo, pois a grande massa de analfabetos era tida como a vergonha nacional. E essa idéia de incultura geral, principalmente a ignorância popular, é que estaria impedindo a prosperidade do país.

Com amostragem deste padrão de pensamento²⁵, pode-se expressar por meio desta constatação: “o povo brasileiro é um dos mais ignorantes na face da terra”. Depois, aponta-se esta consequência: “a ignorância mata tudo no Brasil, é a causa de todas as nossas crises”. Aí se apresenta o princípio de que “A educação do povo é a pedra angular e sobre ela repousa toda estrutura da organização social. Sem educação do povo não há estabilidade nem solidez em nada”.

Finalmente, daquela constatação e deste princípio, decorre esta sistematização: resolvido o problema da educação do povo, todos os mais se resolverão automática e espontaneamente, pela ação natural das inteligências.

²⁵ Nagle, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República p. 110.

Nesse primeiro momento se coloca a necessidade de ensinar um maior número de pessoas a ler, escrever e contar. E nesse entusiasmo do primeiro momento é que se desenvolvem outros aspectos de uma escola primária “Integral”.

É nesse momento que se procura ressaltar a importância da Língua Vernácula, da Geografia e da História do Brasil, e até dos Trabalhos Manuais e da Educação Física, enfim, é o momento em que se tornam constantes os planos e a execução de reformas na escola primária²⁶.

A escola, agora, é entendida como um direito de todos e não de uma minoria privilegiada e tendo, o Estado, o dever de fornecer educação primária, encontrou-se como solução para suas condições financeiras, condensar em dois anos apenas o ensino primário. O currículo estabelecido pela reforma paulista de 1920 era:

1.º ano – linguagem oral, leitura analítica, linguagem escrita, aritmética, geometria, geografia e história, ciências físicas e naturais e higiene, instrução moral e cívica, desenho e música;

2.º ano – leitura, linguagem oral, linguagem escrita, aritmética, geometria, História do Brasil, Instrução moral e Cívica, desenho, caligrafia, música, trabalhos manuais e exercícios ginásticos.

Apesar de todas essas reformas pretendidas na escola primária, mantém-se a separação de “povo” e “elite”, pois ao povo era reservado a escola primária e o ensino técnico - profissionalizante e à “elite”, a escola secundária.

A Conferência Interestadual de Ensino Primário, de 1921, teve medidas vitoriosas incorporadas no Decreto n.º 16.782-A²⁷, onde todo o Cap. III é dedicado ao ensino primário.

Por conta disso, afirma-se que o Governo da União deve promover a difusão do ensino primário nos Estados, entrando com estes em acordo com o propósito de estabelecer e manter escolas dessa natureza (Art.24).

Entre as bases do acordo, convém mencionar as seguintes: a União pagará os vencimentos dos professores primários – até o máximo de 2:400\$ anuais – que serão escolhidos dentre os diplomados por escolas normais reconhecidas oficialmente pelo

²⁶ Nagle, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. p. 113.

²⁷ Nagle, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. p. 139.

Ministério da Justiça; a União fiscalizará o funcionamento das escolas, por meio de inspetor geral, nomeado pelo Ministro.

Aos Estados incumbe fornecer casa para a residência dos professores, escola e material necessário; ficam obrigados a não reduzir o número de escolas existentes e a aplicar 10%, no mínimo, de sua receita na instrução primária e normal. Além disso, estabelece-se que as escolas subvencionadas devem ser rurais e para alunos de 8 a 11 anos de idade.

Tais normas valem para as escolas noturnas para adultos (Arts. 25, 26 e 27).

3.3 - RELATOS ORAIS

Quando realizei a pesquisa nos arquivos da Escola Prof. Manoel Martins Villaça, encontrei nomes de pessoas que ainda hoje residem no município ou nos arredores, e me propus a entrar em contato com essas pessoas na tentativa de buscar mais subsídios e informações sobre os primórdios da educação e de outros assuntos de uma maneira geral, vivenciados por eles, utilizando agora como recurso, fontes orais. Buscando esclarecer de certa forma o leitor, relato algumas afirmações de historiadores que muito lutaram para que a Fonte Oral fosse aceita oficialmente.

No ano de 1980, a História Oral²⁸ recebe a consagração oficial no Congresso Internacional das Ciências Históricas, em Bucareste, conquistando definitivamente sua legitimação entre as ciências históricas.

A História Oral vem se opor como uma contra-história, operando dessa maneira, uma inversão historiográfica radical, tanto do ponto de vista dos objetos como dos métodos.

História vista de baixo, história do local e do comunitário, história dos humildes e dos sem - história, tira do esquecimento aquilo que a história sepultou.

Opõe-se à fria trilogia acadêmica – Estado, história escrita – a sua própria trindade – revolução, memória, oralidade -, a História Oral assume um projeto utópico de democratização da história, contra a instituição, a civilização, o progresso, a cidade, propondo-se devolver a palavra ao povo, ao rural, ao primitivo.

²⁸ Michel Trebitsch, História Oral, pp. 23 - 36.

História quente, militante, história dos excluídos, em que o oral se opõe ao escrito como a natureza à cultura, o vivenciado ao concebido, o verdadeiro ao artificial. A História Oral construiu sua identidade sobre um sistema maniqueísta de antinomias, de que decorrem os seus princípios metodológicos – uso da pesquisa de campo e da observação participante, abertura interdisciplinar para as demais ciências sociais.

A História Oral²⁹, como metodologia e como fonte, envolve necessariamente um conjunto de entrevistas, conjunto este submetido a uma amostragem expressiva, selecionada, através da qual os suportes essenciais daquele universo em análise estariam presentes. A amostragem é a garantia do produto.

O ponto central da questão é o problema da lógica da memória, ou seja, se essa memória é confiável ou não, se produz verdades ou mentiras. O que se pode dizer, e que é meio óbvio, é que ela produz ao mesmo tempo verdades e mentiras. Mas não é isso que nos interessa. O que nos interessa é a capacidade de entender mentiras repetidas, porque se vários atores mentem da mesma maneira, deve-se pensar que esta mentira é importante. Por outro lado, a verdade é um pouco como a criminalística, como um depoimento policial: a verdade encaixa, enquanto a mentira pulveriza, desarticula. Portanto, se, falando com muitas pessoas, eu consigo construir uma versão que se sustenta, posso dizer que esta versão tem boa chance de ser verdadeira.

O que se defende é a idéia de que o campo metodológico de referência básica da História Oral é, de certa forma, uma visão impressionista e uma visão fenomenológica, porque ela, permite exatamente dar à fenomenologia uma consistência empírica que ela não tem, por se tratar de uma referência filosófica.

Mencionando Mercedes Vilanova³⁰, pode-se afirmar que ela é contra a história social, a história política, a história das mulheres, a história dos marginais. Quero uma história sem adjetivos, uma história bem feita, uma história que seja útil. E essa história bem feita, sem fontes orais, é uma história incompleta. Defende-se a idéia de que as fontes orais não viram a página, e que estamos na pré-história de um caminho que começa porque, aos poucos, nós, como historiadores, nos transformamos e transformamos aqueles que entrevistamos. De modo que, se defende, a subjetividade inerente à fonte oral, que a torna útil, distinta e absolutamente necessária para uma história completa.

²⁹ Aspásia Camargo, História Oral, pp. 80 - 83,

Eu faço uso das fontes orais neste trabalho pois acredito que sem elas essa pesquisa ficaria incompleta. Por conta disso, realizei várias entrevistas que foram gravadas em fitas, e em partes, serão transcritas neste capítulo.

As pessoas entrevistadas foram: José Francisco de Souza (Zé Enfermeiro); Desa Lippi Ortolani (Em seu depoimento faz uso do relato de Romilda Zecchi); Nissia de Oliveira Bastos; José Luiz Bellini; Isabel Pires Barone; Leonildo Arruda Moraes; Ermínio de Moraes; Helvídio de Moraes; Vicentina Natri de Goes; Emília Miranda Borges Pereira e Tereza Caramante Chesini (entrevista cedida pelo Jornal Mk Cidade)³¹.

A relação entrevistado e entrevistador é muito rica, permitindo uma viagem na história, e nessa viagem as duas partes chegam por vários momentos a sair do tema proposto que seria o ensino público do Município de Mairinque.

Seguindo o que se confirma nos depoimentos dos cidadãos já elencados, posso afirmar que, a primeira Escola Pública foi criada em 27/10/1890, no Bairro Arraial dos Sapos, hoje Vila Sorocabana, e o seu primeiro Professor, o Sr. Antônio Augusto da Silva³², o qual residia na sede do município na época, São Roque.

Aproximadamente em 1900 a Estrada de Ferro Sorocabana construiu 03 quarteirões de casas de alvenaria, todas iguais, para os seus funcionários e reformou dois prédios um do lado do outro para se destinar às escolas. Um prédio era só para meninos e o outro só para meninas. Em 1910 a Escola do Arraial dos Sapos, foi transferida para este prédio, formando as Escolas Reunidas de Mayrink³³, situadas na Rua de Cima, hoje Rua Eng. Luiz Matheus Maylask, nº 216 e 218.

Em 08 de abril de 1911 foram nomeados pelo Estado os seguintes Professores: Antônio Augusto da Silva, Altina Júlia de Oliveira, Dona Benta, Rosina e seu marido Euclides de Oliveira. D. Altina, de Mairinque, e os demais, de São Roque.

Com o crescimento da Vila em 1922, as Escolas Reunidas não comportavam mais os alunos. Foi quando, para atender a demanda, o Engenheiro Henrique Scheveng, chefe da locomoção da Estrada de Ferro Sorocabana, em Mayrink, reformou e adaptou o antigo

³⁰ Vilanova, Mercedes - História Oral, pp. 46 - 47.

³¹ As entrevistas transcritas encontram-se anexas a este trabalho. Este procedimento é para que outros pesquisadores possam fazer uso desses elementos.

³² O professor Antônio Augusto da Silva é mencionado nos livros encontrados na escola a partir do ano de 1902 e o primeiro nome que aparece é Tibério Justo da Silva em 1893.

alojamento dos operários solteiros para onde transferiu as Escolas Reunidas, hoje, Rua Gaspar Ricardo.

Por volta de 1927, quanto aos costumes relatados do dia-a-dia escolar tanto do professor como do aluno, faço alguns apontamentos.

No início da aula, 5 minutos antes, o servente tocava o primeiro sinal do sino, no pátio da escola. Imediatamente os alunos formavam fila para entrar, aguardavam o segundo toque e em silêncio davam entrada na sala de aula.

As aulas eram ministradas de 2^a a Sábado, com duração de 4 horas, do meio dia às 16:00 horas. Todos os dias antes de iniciar a aula faziam cinco vezes exercícios respiratórios e em seguida tinham que cantar o Hino Nacional, outras vezes hinos pátrios como: Independência, da Bandeira,

As datas cívicas ou comemorativas eram sempre bem trabalhadas. Três vezes por semana todos tinham que fazer trabalhos manuais. Para as meninas eram ministradas aulas de bordado e para os meninos, sacolas de barbante, macramê, porta tinteiros, cestinhas de arame para colocar ovos, trabalhos de serrinha em madeira, orientados por algum professor.

Os trabalhos executados durante o ano letivo eram expostos no fim do ano letivo para os familiares e toda a população apreciar.

A metodologia do ensino era diferente: aprendia-se o alfabeto, depois a junção das letras, porém com frases. O professor tinha o costume de trabalhar com cartelas que ele mesmo confeccionava, uso da lousa, explorava-se a gramática, avaliações no final do ano (só passava quem estava apto), chamada oral, leitura, as 4 operações, tabuadas, mapas do Brasil onde memorizavam tudo...

Muitas foram as dificuldades apontadas pelos entrevistados: o transporte, por exemplo. A maioria dos professores morava em São Roque e se não vinha de trem (nem sempre trens de passageiros, eram mais comuns os trens cargueiros - viajava no último vagão chamado de caboso), vinha de carroça. A maioria dos alunos para chegar à escola andava descalço muitos quilômetros e tinha muitos sobressaltos no caminho (cobras, jaquatiricas, ...). Quando estava quase chegando à escola lavava os pés para calçar os sapatos, sem contar os dias de chuva em que os caminhos estreitos se tornavam mais perigosos. Todos eles comiam aquilo que se

³³ Nos primeiros anos era escrito desta forma.

plantavam e eram poucos aqueles que tinham dinheiro para comprar na venda (pessoas da zona rural). Para ler, usavam o lampião. Além de estudar ajudavam nos afazeres domésticos. A compra do material escolar era muito difícil, naquela época.

Devido a esse contexto, muitos não conseguiam concluir os estudos.

Os entrevistados falam sempre que o conteúdo trabalhado nas séries era mais extenso que o de hoje, e que os alunos, atualmente, têm tudo mais fácil e não valorizam.

As escolas recebiam a visita do Inspetor de Ensino que observava toda a escrituração, assistia aulas, verificava o desempenho dos alunos e costumava dar orientações pedagógicas aos professores.

Em 1932 passa a Escola a denominar-se GRUPO ESCOLAR DE MAYRINK, funcionando de primeira (1ª) a terceira (3ª) classe.

Os alunos que fossem promovidos para o 4º ano primário, teriam que completar seus estudos em São Roque ou em outra cidade maior.

O prédio reformado para abrigar o Grupo Escolar de Mayrink, ficava situado no mesmo local onde funciona hoje o Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”.

Foi criada pelo Sindicato dos Ferroviários uma Escola, em 12/10/1935, localizada à Rua Dr. Luiz Matheus Maylask (defronte ao antigo armazém de abastecimento da Estrada), para atender aos filhos dos ferroviários: uma sala com alunos de 1º e 2º anos. Esta mesma Escola foi oficializada pela Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo em 01 de abril de 1938 e se tornou Escola Mista Municipal.

A Profª. Nissia de Oliveira Bastos³⁴ (leiga) lecionou por 20 anos em Mairinque, na Escola Mista do Sindicato dos Ferroviários, e depois na Escola Municipal.

O Grupo Escolar de Mayrink denominou-se Prof. Manoel Martins Villaça, em 28/04/1946³⁵.

Arganauto Ortolani no período em que foi vereador na Câmara Municipal de São Roque fez as seguintes indicações: Projeto de Lei para concessão de 100 (cem) metros de

³⁴ Estudou na Escola Normal da Praça da República e não pode concluir o terceiro ano devido a problemas familiares.

³⁵ O documento encontrado na Escola mudando o nome de Grupo Escola de Mayrink para Grupo Escolar Prof. Manoel Martins Villaça data de 28/08/1947.

terra para a construção da Escola Rural do Bairro de Moreiras³⁶, em 07/07/1952; Projeto de Lei abrindo crédito de 25.000 (vinte e cinco mil réis) para compra do terreno para construir a Escola Municipal que já existia, ao lado da Sub-Prefeitura em 06/04/1953; que o prédio da Escola Municipal (já existente em Mayrink) tivesse o nome da primeira professora, Altina Júlia de Oliveira em 1955; em 26/10/1958 inaugura-se o prédio da Escola Municipal em Mayrink, município de São Roque com o nome de Escola Municipal Altina Júlia de Oliveira³⁷.

Na cerimônia fizeram-se presentes seus filhos, por ela, Altina estar doente, mandou que uma amiga a representasse, a Prof^ª. Leonor.

No período diurno o Grupo Escolar Prof. Manoel Martins Villaça, funcionava normalmente e no período noturno a partir de 09/03/1955, era cedido para Escola Técnica de Comercio Barão de Piratininga³⁸.

Mairinque, já município em 01/01/1960, não tinha um local para instalar a Câmara Municipal, precisando desativar por hora a Escola Municipal Prof^ª. Altina Júlia de Oliveira. O Prefeito Arganauto Ortolani explicou à família de Dona Altina que daria o nome a outra escola que fosse criada.

A comunidade mairinqueense encontrou muitas dificuldades para a criação do Ginásio Estadual devido a muitas exigências da Secretária do Estado, dentre elas que tivesse quarenta (40) alunos, aprovados no “Curso de Admissão” para iniciar o primeiro ano.

Lideradas pela Diretora do Grupo Escolar Manoel Martins Villaça, a Prof^ª. Thereza Caramante Chesini, juntamente com as professoras Emília Borges, Maria Aparecida Câmara (Dona Fia), Maria Aparecida Azzini (Cida) e Terezinha Brasilio Alves, organizaram o Curso de Admissão gratuito a todos os alunos que cursavam o quarto ano primário.

Terminada essa fase, a Prof^ª. Thereza foi falar com a Diretora do Ginásio Estadual de São Roque, Prof^ª. Antonieta Cunha e solicitou que ela desse transferências aos alunos que fossem aprovados no Curso de Admissão, para poder formar classe única, e assim fosse criado o Ginásio. A Diretora Antonieta se negou a dar transferência. Entrando em contato com o amigo e político da região, o Dr. Arthur Fonseca, Diretor da escola OSE (Organização

³⁶ Bairro de Moreiras Distrito Mayrink.

³⁷ Nesse período era permitido colocar o nome de pessoas vivas.

³⁸ Escola Particular em convênio com o Estado.

Sorocabana de Ensino), se propôs a dar transferência aos alunos que fossem aprovados.

A Direção, professores e alunos lotaram um ônibus e partiram a Sorocaba e a maioria dos alunos, foi aprovada no exame, dando assim número suficiente para criar a sala de aula. Sendo assim, foi criado o Ginásio Estadual de Mairinque, pela Lei 5.678 em 19/08/1962, instalado provisoriamente no Grupo Escolar Manoel Martins Villaça.

O Bairro do Marmeleiro cresce e as escolas rurais ali existentes passam a formar a E.E.P.G. Bairro Marmeleiro³⁹, Decreto 41.151, DOE 11/12/1962.

Por indicação do Vereador Arganauto Ortolani foi dado o nome da Profª. Altina Júlia de Oliveira ao Ginásio Estadual de Mairinque, Decreto 43.681 de 28/09/1964.

Em 30/04/1964 foi criado o Curso Colegial pela Secretária da Educação.

Havia uma Escola Rural no Bairro do Setubal, mas já que não correspondia ao progresso da Colônia Japonesa, do Bairro Oriental e do Bairro Três Lagoinhas, foi então criado o Grupo Escolar, hoje E.E.P.G. “Prof. Horácio Ribeiro”, pelo Decreto 672, DOE 25/11/1966.

Somente em 08/12/1969 foi inaugurado o prédio do Ginásio Estadual Profª. Altina Júlia de Oliveira, sendo Diretora, a Profª. Maria Aparecida de Andrade.

O Bairro do Pedágio e da Vila Paraíso em Alumínio⁴⁰, possuíam escolas isoladas e com o crescimento demográfico, houve a necessidade de construção de um prédio próprio, construiu-se pois a E.E.P.G. “Honorina Rios de Carvalho Mello”.

Em 1970 o prefeito Sr. Arganauto Ortolani cria o Curso Mobral e em 1975 o prefeito Sr. João Chesine cria o Curso Supletivo Municipal.

Em 30/12/1976 pela Resolução SE 29/12 da Secretaria da Educação do Estado, passou a Escola do Bairro Granada, que atendia também alunos da Vila Barreto, a denominar-se E.E.P.G. “Profª. Benedita Camargo Valêncio.

Atendendo também ao Bairro da Nova Mairinque, no qual possuía uma Escola Agrupada com 06 classes e aos alunos do CECAP; construiu-se a E.E.P.G. “Jardim Cruzeiro”⁴¹, (Decreto 20.349, DOE 08/01/1983).

³⁹ Hoje, E.E.P.G. “Profª. Thereza Caramante Chesine” (falecida em 21/11/95).

⁴⁰ Alumínio era distrito de Mairinque nesta data.

⁴¹ Hoje, E.E.P.S.G. “Profª Maria de Oliveira Lellis Ito”.

A Escola “Prof. Manoel Martins Villaça”, por ter tido o seu início no centro da vila, é mais lembrada, quase não havendo nenhum registro nas recordações dos habitantes, das chamadas Escolas Rurais ou de bairros.

As pessoas entrevistadas, se lembram, que a Escola chamou-se, realmente, no início, de Escola do Arraial dos Sapos ou Escolinha da Estação, depois, Escolas Reunidas de Mayrink, e que funcionava no prédio da Sorocabana. Em uma das reformas, em data mais recente, as salas foram divididas e espalhadas em salas de prédios próximos, como o salão da Igreja, Câmara Municipal. Lembra-se que a primeira professora do sexo feminino foi a Professora Altina Júlia de Oliveira.

IV - CONCLUSÃO

Este trabalho foi uma tentativa de fazer aproximações sobre as origens do ensino público do município de Mairinque. Como ele teria começado e quais documentos estariam disponíveis sobre esse dado?

Eu tentei unir neste trabalho uma perspectiva de preservação da história local e uma perspectiva de levantamento de fontes que me fossem possível. Era a vontade de contribuir com a história preservando fontes escritas e orais.

Percorrido o caminho da pesquisa pude apresentar no capítulo 1 e nos anexos, uma certa contextualização referente à história da cidade de Mairinque e da sua Estrada de Ferro. Quase não existem publicações sobre estes aspectos.

No capítulo 2 aparecem dados que estavam adormecidos nos arquivos e que praticamente ninguém tinha conhecimento deles, como por exemplo: o primeiro registro datado de 1893.

Também estão ali indicações sobre nacionalidade dos primeiros moradores de Mairinque, nome de alunos do início do século e apontamentos sobre prédios escolares.

A maioria destes dados foi levantado em arquivos precários e em péssimas condições de preservação.

O capítulo 3 faz menção a metodologia e uma certa mentalidade educacional do século XIX. Surpreende a figura do professor com altos salários, a sua posição social privilegiada, a importância que se dava aos castigos corporais e as dificuldades que os alunos enfrentaram. Ao início do século comparecem falas de pessoas que estudaram naquele período. Idéias de erradicação do analfabetismo, princípios de moral e civismo e história dos grandes heróis são alguns aspectos que se revelam.

Havia grande importância na comemoração das datas cívicas. Um estudioso do período faz a seguinte menção, A Liga de Defesa Nacional⁴² que foi fundada em 07 de setembro de 1916, por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon. Em seus Estatutos, a Liga “independente de qualquer credo político, religioso ou filosófico, (está) destinada, dentro das leis vigentes do país, a congregar os sentimentos patrióticos dos Brasileiros de todas as

classes”. Esse objeto geral é desdobrado num conjunto de objetivos menos gerais, tais como: manter a idéia de coesão e integridade nacional; defender o trabalho nacional; difundir a instrução militar nas diversas instituições; desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, fundar associação de escoteiros, linhas de tiro e batalhões patrióticos; avivar o estudo de História do Brasil e das tradições brasileiras; promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras existentes no País; propagar a educação popular e profissional; difundir nas escolas o amor à justiça e o culto do patriotismo; combater o analfabetismo.

O recurso que fiz de trazer falas dos entrevistados a esta pesquisa, é uma tentativa de praticar a história oral, tirando do esquecimento a história dos humildes e dos que ficam sem história numa história oficial. É a história contada por quem viveu e participou ativamente da construção dessa história.

Neste trabalho não pude tirar conclusões sobre as condições de vida dos diferentes grupos sociais envolvidos nas origens do município de Mairinque e da sua educação. Não me deparei com fontes que dessem margem a este tipo de estudo. As fontes encontradas enfatizam o belo, o Hino de Mairinque, a cidade como um paraíso, um recanto desejado por todos mortais.

Eu observei nas fontes escritas levantadas, a freqüente alusão a famílias consideradas conceituadas, tidas como ilustres e que a população local parece colocá-las em posição de destaque. É como se essas famílias fossem as únicas responsáveis pela construção da história de Mairinque. Tem-se a impressão de que os grupos sociais não considerados ilustres subordinavam-se a estes, passivamente. Evidentemente em história as relações sociais não acontecem assim, mas esta é uma perspectiva, dentre muitas outras em aberto, que pesquisas futuras poderão tentar abordar.

Eu concluo este trabalho esperando ter iniciado um esforço que deverá ser coletivo e para o qual minha pesquisa pretende dar a sua contribuição. Há muito por fazer.

⁴² Nagle, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República, p. 45.

V - ANEXOS

Anexo 1

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O MUNICÍPIO

Dados: IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico) e Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados).

- Área territorial total ocupada pelo município em km² - 214
 - População residente (fonte de 1996) 32.293, sendo 5.938 a população rural.
 - Densidade demográfica: 150,9 hab./km
 - Taxa de crescimento médio da população: índices de 1991 a 1996: 1,93
 - Taxa de mortalidade infantil (por mil nascidos vivos) 36,34 %
 - Mairinque conta ainda com um hospital e postos de saúde
 - Como atração turística Mairinque possui uma área preservada pela Prefeitura Municipal que é o horto florestal.
 - Localiza-se na zona Sudoeste do Estado de São Paulo.
 - Altitude: 835 metros.
 - Longitude: 47° 10" WG
 - Latitude: 23° 33" sul.
 - Topografia: acidentada com solo tipo massapé - salmourão, pozolico vermelho amarelado "integrate"- latosol vermelho amarelo.
 - Clima: temperado (classificação KOEPEN).
 - Bacia hidrográfica: Médio Tietê - principais cursos d'água: Ribeirão Varjão, Ribeirão do Góes, Represa Itupararanga, Ribeirão dos Pires, Córrego Carvalhal
 - Temperatura: média de 19,00° C
 - Precipitação anual: 1.300 mm.
-

- Limites: ao norte Itu; ao sul Ibiúna ; ao leste São Roque; ao oeste Alumínio, a noroeste Sorocaba; ao sudoeste Votorantim
- Via de acesso: Rodovia Raposo Tavares, Rodovia Castelo Branco, FEPASA.

Segundo, o Banco de Dados Prefeitura Municipal de Mairinque:

- Estabelecimentos bancários: Banco do Brasil S.A., Caixa Econômica Federal, Nossa Caixa Nosso Banco (primeiro banco) , BANESPA, BRADESCO, BAMERINDUS (primeiro banco privado do município).

- Imprensa: Rádio Cidade, Jornal “Folha de Mairinque”.

- Clubes de serviços (ONGs): Rotary Club, Lions Club, Loja Maçônica

- Segurança: Polícia Civil e Militar do Estado de São Paulo, Guarda Civil Municipal, Grupamento de Bombeiros Municipal.

- Entidades de apoio: Beneficência Hospitalar de Mairinque, Associação de Proteção a Criança e Adolescente (APROCAM), Conselho Municipal de Proteção a Criança e Adolescente, Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal de Educação, Conselho Gestor da Educação, Conselho Municipal de Saúde, Abrigo São Vicente de Paula, Albergue Noturno “Homens do Caminho”, Obra Social Municipal (OSOMU).

- Judiciário: elevada a categoria da Vara Distrital em sob a jurisdição da Comarca de São Roque.

- Legislativo: Câmara Municipal composta por 17 vereadores, eleitos em outubro de 1996.

- Creches municipais: “Benedita Bretas Cruz” no Jardim Cruzeiro, “Olga Barbieri” na Vila Nova Mairinque.

- Vias principais da cidade: Avenida Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, a qual liga a cidade à Rodovia Raposo Tavares e esta com destino aos bairros da Granada, Barreto e Marmeleiro, no sentido São Roque e São Paulo; Avenida 27 de Outubro, que liga a cidade à Rodovia Raposo Tavares, sentido Alumínio e Sorocaba; Avenida Francisco de Assis Pinto de Oliveira a qual corta a cidade no perímetro central no sentido leste - oeste, cruzando com a Avenida Dr. Gaspar Ricardo Júnior que cruza a cidade no sentido sul - norte; Avenida

Mitsuke, localizada no Jardim Cruzeiro, que liga o bairro à Rodovia Raposo Tavares; Avenida Brasil - Japão, que liga o Bairro jardim Cruzeiro aos Bairros Três Lagoinhas, Setúbal, Terras de São José, Jardim Waldes, Bairro Oriental até a cidade de Ibiúna; Estrada do Sertanejo que liga o centro da cidade a Rodovia Raposo Tavares, constituindo via de escoamento para os produtos industriais do município.



Câmara Municipal e Fórum — setembro/1997



Beneficência Hospitalar de Mairinque— setembro/1997



Clube Atlético Sorocabana de Mairinque— setembro/1997

ESCOLAS DO MUNICÍPIO⁴³:

Escolas de Ensino Fundamental Ciclo I (antigo CB a 4ª séries)-04

E.M.E.F. “PROFª. BENEDITA CAMARGO VALÊNCIO”

Res. – SE 29/12 - D.O.E.30/12/76

DC 13.529 – 16/05/79

DC 2.472 – D.O.E. 15/10/80

E.E.P.G.-R DO BAIRRO MOREIRAS

DC 33.072 – D.O.E.14/03/91

E.E.P.G. – R. BAIRRO PORTA DO SOL

DC 31.185 – D.O.E. 05/02/90

E.M.E.F. “PROF. MANOEL MARTINS VILLAÇA”

DC 17.518 – D.O.E. 28/08/47

Escolas de Ensino Fundamental Ciclo I e II (antigo CB a 8ª Série) - 06

E.E.P.G. “PROFª. TEREZA CARAMANTE CHESINE”

DC 41.151 – D.O.E. 11/12/62

E.E.P.G. “PROF. HORÁCIO RIBEIRO”

Lei 672 – D.O.E.12/09/75

DC - D.O.E. 25/11/66

E.E.P.G. “PROFª. MARIA IGNES BLANCO ABREU”

DC 14.523 - D.O.E.27/12/79

Res. SE 78 – D.O.E. 29/05/78

E.E.P.G. DO BAIRRO FLORA

DC 31.385 – D.O.E. 12/04/90

E.E.P.G. JARDIM VITÓRIA

⁴³ Dados fornecidos pela P. M. Mairinque e Delegacia de Ensino de São Roque.

DC - D.O.E. 31/05/94

E.E.P.G. ESTAÇÃO DONA CATARINA

Res. SE 164/89 D.O.E. 08/08/89

Escolas de Ensino Fundamental - Ciclo II - 02

E.E.P.G. "PROF. JOSÉ PINTO DO AMARAL"

DC 23.246 - D.O.E.01/02/85

E.E.P.G. "PROF. MANOEL MARTINS VILLAÇA"

DC 17.518 - D.O.E. 28/08/47

Escolas de Ensino Fundamental - Ciclo II e Ensino Médio 01

E.E.P.S.G. "PROFª. MARIA DE OLIVEIRA LELLIS ITO"

DC 20.349 - D.O.E. 08/01/83

Escola de Ensino Fundamental - Ciclo II, Ensino Médio e Profissionalizante (Curso Normal) - 01

E.E.P.S.G. "PROF.A. ALTINA JÚLIA DE OLIVEIRA"

DC 18/58 - D.O.E.23/06/60

Escolas Municipais de Educação Infantil 08

Escola de Ensino Supletivo - 02

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO SUPLETIVO

E.E.P.G. "PROFª. TEREZA CARAMANTE CHESINE"

Escolas Rurais vinculadas:

E.E.P.G. R BºCristal.

Res. SE 166 - D.O.E. 19/08/81

E.E.P.G. R. Fazenda das Carmelitas.

Port. D.R.E. 10/03/83

E.E.P.G. (R) B.º Sebandilha.

DC 31.385 - D.O.E. 11/04/90

E.E.P.G. R. B.º Capuava.

Port. DRESO 09/04/75

E.E.P.G. R. B.º Mato Dentro.

Res. SE 19 – D.O.E.20/08/90

E.E.P.G. Jardim Reneeville.

DC Lei 4402 – (municipal)

Escolas Profissionalizantes - 01 - SENAI

Escolas Particulares de Educação Infantil e Ensino Fundamental - 03

Arco - Íris

Liceu Roberto Simonsen

Sistema de Ensino Objetivo

Escola Particular Técnica e Profissionalizante – 01

Liceu Roberto Simonsen

Anexo 2

JOSÉ FRANCISCO DE SOUZA⁴⁴

Nascido em 20 de agosto de 1909, Pernambuco, veio residir em Mairinque no dia 02/01/1942, a serviço do INPS exercendo a função de enfermeiro na Vila. Não havia médico disponível e ele atendia.

Sempre muito dedicado, serviu este município por 37 anos sem jamais ter tirado um dia de férias. Achava que todos aqui o queriam muito bem, pois a casa onde ele morava, foi construída pelo povo mairinquense.

Buscando em suas lembranças, ele fala que a escola era em uma casa da Ferrovia e que somente depois é que foi construído o Grupo. Relata que embaixo do grupo, havia 03 salas de aula, a cozinha, o banheiro, um grande galpão e depois era somente terra e mato.

A Professora que José Francisco tem lembrança chama Laís e era esposa do Prof. Horácio, e que os outros professores eram de fora. Os alunos eram divididos em classes masculinas e femininas e quem tinha dinheiro geralmente ia estudar fora. José se lembra que nesse período o meio de transporte mais utilizado era realmente a ferrovia.

A Secretaria de Ensino era quem dava a nota ao aluno, e que a mesma, ficava em uma sala onde hoje é o prédio da Delegacia de Ensino em São Roque. Neste período esse mesmo prédio que hoje é patrimônio histórico do município de São Roque, funcionava na sua parte de cima, o Fórum e em uma sala, a Secretaria da Educação, e embaixo a cadeia.

Antes de vir a Mairinque trabalhou cinco anos em um hospital de alienados em Pernambuco, depois 09 anos como padioleiro⁴⁵ no exército, aí já em São Paulo, em Quitaúna.

Quando aqui passou a residir, tinha somente a ferrovia, as casas da rua da feira que eram para os funcionários, a escola já citada, e em frente de onde hoje é o Villaça, era o hotel da Sorocabana.

⁴⁴ Depoimento obtido por gravação – 10/04/98.

⁴⁵ Padioleiro seria o enfermeiro no exército.

Existia também o armazém de abastecimento para os funcionários. Quem não era funcionário comprava gêneros alimentícios à caderneta.

Mairinque pertencia a São Roque, mas tinha direito a ocupar 04 cargos de vereador. Conta que foi eleito em 55⁴⁶ juntamente com Arganuto Ortolani e Luiz Zapparoli. Nessa época o cargo não era remunerado. Em 59 deu-se a eleição e somente em 60 é que Mairinque teve o seu primeiro Prefeito Arganuto . Onde hoje é a casa da cultura passou a funcionar a Prefeitura.

Passado alguns anos a cidade não tinha para onde crescer. Tudo pertencia à Sorocabana e foi quando João Chesine, o então Prefeito na época procurou efetivar a compra de terras. O Presidente da Sorocabana era um General muito durão, o Governador era o Laudo Natel e o Secretário de Transportes, Maluf, com o qual Chesine tinha muito afinidade. Com grandes dificuldades foi autorizada a venda de terras.

Em um segundo momento foram feitas inscrições de pessoas que aqui residiam e não tinham casa própria. As vendas dos terrenos foram efetuadas de maneira bem facilitada.

Havia também a fazenda Santa Amélia que pertencia ao Sr. José Maria Withaker, na época um economista conceituado o qual sempre vinha para Mairinque passar finais de semana.

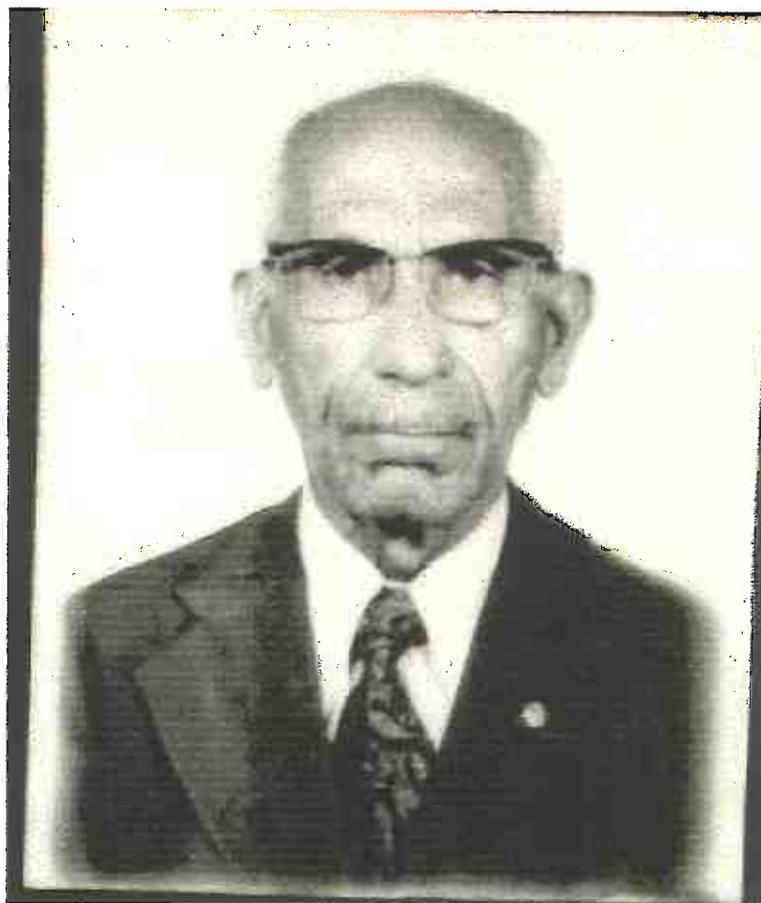
A Estação era o passeio das meninas, de preferência na chegada do trem. Ali também havia um bar muito bom.

Em sua profissão, José Francisco de Souza, não mediu esforços para atender o povo de Mairinque. Conta que certa noite bateu em sua porta um trabalhador da Sorocabana pedindo que atendesse sua filha que estava doente. Chovia muito, e como de costume, esterilizou a seringa, passou na farmácia pegou uma injeção mais ou menos de acordo com aquilo que o trabalhador contara. Chegando à casa entrou no quarto e perguntou, a jovem o que tinha. Esta, mais que depressa, respondeu: _“Eu não quero tomar injeção, quero o meu namorado!”

Foram 37 anos de trabalho, de dedicação, sem nunca gozar uma de suas férias

Zé Enfermeiro carinhosamente tratado pelo povo de Mairinque veio a falecer no dia 09/02/99, deixando em nossas recordações muitas saudades.

⁴⁶ Esses dados podem ser confirmados no livro 3º Centenário de São Roque, Gráfica André Villani, s./p..



José Francisco dos Santos — Zé Enfermeiro

Anexo 3

SRA. DESA LIPPI ORTOLANI⁴⁷.

Nascida em Mairinque, oriunda de família tradicional, fez seus primeiros estudos nas antigas escolas da localidade. Foi uma das alunas da Prof.a. Altina Júlia de Oliveira, a primeira professora como já foi citado neste documento.

Sua vida social e cultural foi sempre constante. Em sua juventude participou de grupos teatrais da cidade, sendo que em um deles, talvez o mais importante, o Grupo Thalma, na época, fez parte, o hoje ator Juca de Oliveira.

Fez parte ativa da Comissão que mantinha a Biblioteca “Dr. Ruy da Costa Rodrigues”, que pertencia a Sociedade Recreativa Mairinque. Nesta Comissão sempre sobressaiu-se, a jovem Desa Lippi.

Fez parte atuante do Coral de Mairinque e também do Coral da Matriz São José.

Casou-se com o Sr. Arganauto Ortolani que veio a ser o primeiro Prefeito Municipal de Mairinque, após a sua emancipação política, em 1959. Como Primeira Dama, então, voltou-se para as obras assistenciais onde à frente de várias senhoras voluntárias, fundou e dirigiu a Obra Social Municipal (OSOMU).

Seu relato em vários momentos vai coincidir com alguns dados já registrados anteriormente, neste trabalho, o que só vem aumentar a veracidade das informações obtidas, e também procurou seguir um certo cronograma de acontecimentos.

Os fatos contados sobre sua escolaridade são comprovados pelos registros no livro de exames finais de 1927, na folha 14.

Agora faço a transcrição do depoimento da Senhora Desa Lippi Ortolani, que foi registrado no Cartório de Mairinque em 28/09/98.

⁴⁷ Depoimento obtido por gravação - 20/11/98.

Em 27/10/1890, foi criada a primeira Escola Pública, no Bairro Arraial dos Sapos, sendo o primeiro professor o Sr. Antônio Augusto da Silva, “Seu Tônico”, residente em São Roque. (Depoimento da antiga moradora de Mayrink, Professora Romilda Zecchi, no dia 27 de setembro de 1992). Continuando o depoimento, em mais ou menos no ano de 1900, a Estrada de Ferro Sorocabana construiu 3 (três) quarteirões de casas de alvenaria, todas iguais para os seus moradores. Foram reformados 2 (dois) prédios, um ao lado do outro para se destinar às escolas. Adequado, com dependências confortáveis. Um prédio era só para meninas e o outro prédio era só para os meninos.

Em 1910, foi anexada e transferida a Escola do Arraial dos Sapos para o novo local e se agrupando com as demais classes criadas, formando as Escolas Reunidas de Mayrink, situadas à Rua de Cima, hoje Rua Eng. Luiz Matheus Maylask, os. 216 e 218.

Em 08/04/1911, Prof.a. Altina Júlia de Oliveira foi nomeada pelo Estado para dirigir a Escola Feminina de Mayrink. Também foram nomeados Antônio Augusto da Silva, Dona Benta, Professores Rosina e seu marido Euclides de Oliveira, todos residentes em São Roque.

Em 1922, com o crescimento da Vila, as Escolas Reunidas não comportavam mais os alunos. O Engenheiro Henrique Sheveng, chefe da Locomoção da E. F. Sorocabana, em Mayrink, reformou e adaptou o antigo alojamento dos operários solteiros para transferir para lá as Escolas Reunidas. O Estado criou novas salas de aula,

Denominado em 1932, GRUPO ESCOLAR DE MAYRINK, funcionava de primeira (1ª) a (3ª) terceira classe. Os alunos que fossem promovidos para o 4º ano teriam que completar o primário em São Roque ou em outra cidade maior. O prédio reformado para abrigar o Grupo Escolar de Mayrink, ficava situado no mesmo local em que funciona hoje o Grupo Escolar “Prof. Manoel Martins Villaça”.

COSTUMES:

“No início da aula, 5 minutos antes, o “servente” tocava o primeiro sinal ao sino, no pátio da escola, imediatamente os alunos formavam fila para entrar, aguardavam o segundo toque e em silêncio davam entrada na sala de aula. As aulas eram ministradas de 2ª a sábado, com duração de 4 horas, de meio dia às 16:00 horas. Todos os dias antes de iniciar a aula faziam cinco vezes exercícios respiratórios e em seguida tinham que cantar o Hino Nacional, outras vezes hinos pátrios como: Independência, da Bandeira, da Árvore,... As datas cívicas

eram comemoradas. Era comemorada, Também, com festa a entrada da Primavera, Dia da Árvore, das Aves. Três vezes por semana todos tinham que fazer trabalhos manuais. Para as meninas era ministrado aulas de bordado,... E para os meninos, sacolas de barbante, macramê, porta-tinteiros, cestinhas de arame para colocar ovos, trabalhos de serrinha em madeira, orientados por algum professor. Os trabalhos executados durante o ano eram expostos no fim do ano letivo para os familiares e toda a população apreciar.

Atualmente a Escola pertence à Prefeitura Municipal, após o processo de municipalização conservou-se o nome, mudando apenas as iniciais: E.M.E.F. “Prof. Manoel Martins Villaça”

Em 12/10/1935 foi criada a Escola pelo Sindicato dos Ferroviários da E.F.Sorocabana: 1 sala de aula com alunos do 1º e 2º anos para os filhos dos ferroviários.

Em 01/04/1938 foi oficializada pela Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo, a escola do Sindicato da E.F.S. a qual se tornou Escola Mista Municipal.

Em 07/07/1952 foi criado o Projeto de Lei de Arganuto Ortolani representante do Distrito de Mayrink em São Roque, para receber doação de 100 (cem) metros de terra para construção de Escola Municipal no Bairro de Moreiras.

Em 06/04/1953: Projeto de Lei de Arganuto Ortolani, representante de Mayrink, representante de Mayrink na Câmara Municipal de São Roque, abrindo crédito de 25.000 para compra de terreno para construir a Escola Municipal que já existia, ao lado da Sub-Prefeitura.

Em 1955, indicação do Vereador por São Roque , Arganuto Ortolani, para que a Escola Municipal (já existente em Mayrink) tivesse o nome da primeira professora, Altina Júlia de Oliveira

Em 26/10/1958 foi inauguração do prédio da Escola Municipal em Mayrink, município de São Roque com o nome de Escola Municipal Altina Júlia de Oliveira. Estavam presentes seus filhos, e por não poder estar presente, por motivo de doença, mandou que uma amiga a representasse, a Prof. Leonor, e o povo.

Em 09/03/1955 foi inaugurada a Escola Técnica de Comercio Barão de Piratininga com funcionamento noturno no Grupo Escolar de Mayrink.

Em 28/04/1946 foi denominado patrono, o Professor Manoel Martins Villaça, para o Grupo Escolar de Mayrink.

Em 01/01/1960: depoimento da Prof.a. Tereza Chesine – Extinta a Escola Municipal Altina Júlia de Oliveira

Desde que a escola foi criada pelo Prefeito Municipal de São Roque, sempre esteve dirigida pela Professora D^a. Nissia Bastos, a qual era residente em São Roque e por todos muito estimada.

Com a criação do novo município a Escola Altina Júlia de Oliveira, daria espaço para, na mesma sala, instalar a Câmara Municipal dos Vereadores. O prefeito Arganauto Ortolani explicou à família de Dona Altina que daria nome a outra escola que fosse criada.

Grande foi a aspiração da comunidade em ter o seu Ginásio Estadual.

Muitas foram as exigências impostas pela Secretaria do Estado.

Liderado pelo Prefeito Arganauto Ortolani, vereadores e o Deputado Estadual Scalamandrê Sobrinho, que na época gozava de grande prestígio com o governo, iniciaram um grande movimento.

DIFICULDADES PARA CRIAR O GINÁSIO

Em 01/01/1960, para ser criado o Ginásio, a Secretaria da Educação exigia que tivesse quarenta (40) alunos, aprovados no “Curso de Admissão” para iniciar o primeiro ano. Alguns professores se movimentaram imbuídos com espírito de civismo e amor pela cidade, liderados pela Diretora do Grupo Escolar Manoel Martins Villaça, a Prof.a. Thereza Caramante Chesini que com o seu entusiasmo contagiante, juntamente com as professoras Emília Borges, Maria Aparecida Câmara(Fia), Maria Aparecida Azzini “Cida”, Terezinha Brasílio Alves, organizaram um Curso de Admissão gratuito a todos os alunos que cursavam o quarto (4º)ano primário. Formou-se o Curso e a Coordenadora foi a Profa. Thereza Chesini.

Quando as crianças já estavam preparadas e terminaram o Curso de Admissão, a Prof.a. Thereza foi falar com a Diretora do Ginásio Estadual de São Roque, Sra. Antonieta Cunha. Solicitou a ela para dar transferências aos alunos que fossem aprovados no Curso de Admissão, a fim de poder formar classe única, exigência da Secretaria da Educação, e ser criado o ginásio. A Diretora, Dona Antonieta se negou em dar transferência, alegando que os alunos que fossem aprovados, ficariam no Ginásio de São Roque.

O amigo e político da região, Dr. Arthur Fonseca, Diretor da Escola 'OSE'. - Organização Sorocabana de Ensino,- sabedor dessa tentativa frustrada, se propôs a dar transferências aos alunos que fossem aprovados.

Dona Thereza, que foi a Coordenadora, juntamente com as professoras e alunos, lotaram um ônibus e foram com destino a Sorocaba, para prestar exames. Durante o trajeto foram distribuídos balas, refrigerantes e outras guloseimas para descontrair um pouco as crianças. A maioria dos alunos foi aprovada no exame e dando assim número suficiente para criar a primeira sala de aula.

Em 19/08/1962: criação do Ginásio Estadual de Mayrink (ainda sem nome), pela Lei 5.678. Imediatamente foi instalado seu funcionamento provisório no Grupo Escolar Manoel Martins Villaça.

Em 28/09/1964 pelo Decreto 43.681, foi dado o nome de Professora Altina Júlia de Oliveira ao Ginásio Estadual de Mairinque, indicação do vereador Arganauto Ortolani, prestando assim homenagem à professora que iniciou o seu magistério e o encerrou em Mairinque.

Em 30/04/1964: - Criado o Curso Colegial pela Secretaria da Educação

Em 08/12/1969 foi inaugurado com grandes festas o prédio do Ginásio Municipal Prof. Altina Júlia de Oliveira, dirigido pela Prof.a. Maria Aparecida de Andrade, dinâmica e de grande civismo, que o dirigiu por diversos anos.

Em 1970 o Prefeito Sr. Arganauto Ortolani criou o Curso Mobral

Em 1975 o prefeito Sr. João Chesine criou o Curso Supletivo Municipal.

(Desa Lippi Ortolani ex-aluna da Professora Altina, descerrando a foto de Inauguração da E.E.P.S.G. "Prof Altina Júlia de Oliveira – 08/12/69)



Dona Desalippi Ortolani ex-aluna de Dona Altina, descerrando a foto da homenageada

Anexo 4

PROFESSORA NISSIA DE OLIVEIRA BASTOS⁴⁸

A professora Nissia de Oliveira Bastos foi também uma das primeiras a lecionar na Vila Mayrink, iniciando este mister no ano de 1935.

A professora Nissia não era por assim dizer contratada oficialmente pelo Magistério Oficial, mas sim, pelo Sindicato dos Ferroviários. Somente os filhos de ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana, cerca de 35 alunos, eram matriculados na “Escolinha da Dona Nissia”.

O verdadeiro nome da escola era Escola Mista do Sindicato dos Ferroviários de Mairinque. Localizava-se, na data de sua instalação, à Rua Dr. Luiz Matheus Maylask, defronte ao antigo armazém de abastecimento da Estrada. O reconhecimento oficial da escola só veio no dia 1º de abril de 1938, através de ofício da Diretoria de Ensino e entregue à Dona Nissia pela Inspeção Auxiliar do 2º Distrito Escolar de São Roque.

Alguns anos depois passou a funcionar no sobrado da família Natale, à Rua Dr. Júlio Prestes de Albuquerque. Esta foi a semente da Escola Municipal “Prof.a. Altina Júlia de Oliveira”, já mencionada e historiada neste trabalho.

O fato interessante é que Dona Nissia só foi nomeada Professora (leiga) através da Portaria nº 45, de 30 de janeiro de 1941, pelo Prefeito Municipal de São Roque. Nessa época ela estudava na Escola Normal à Praça da República, em São Paulo - escola que teve que deixar sem completar o terceiro ano, por ter que vir ajudar o pai que fora transferido. Lecionou por vinte anos em Mairinque.

Conta, a professora, que para vir lecionar em Mairinque utilizava-se dos trens da ferrovia, nem sempre o de passageiro, na maioria das vezes cargueiros que vinham da capital no sentido interior ou para o porto de Santos. Muitas vezes, ela vinha nos chamados cabosos, - o último vagão desses cargueiros que na época trazia os chamados chefe de trem, e era no caboso que ele se instalava.

⁴⁸ Depoimento obtido por gravação – 28/10/98. Embora a depoente não pertencesse à sede pública de ensino, manteve suas declarações.

Depois de muitos anos é que apareceu a famosa “perua” de propriedade da família Zaparolli a qual transportava os habitantes da vila até à cidade e vice-versa.

Dona Nissia se lembra perfeitamente que o método de ensino era baseado na “cartela” que continha figuras coloridas e começava com a letra “a”, como por exemplo “macaco - ma”, além das figuras do macaco, do navio, da casa, todas as sílabas que continham a letra “a”, depois é que vinham as outras letras, e aí sim a formação das palavras, usando todas “a, e, i, o, u.

Constantemente recebia o Inspetor de Ensino que assistia às suas aulas e sempre deixava elogios nos Termos de Visita.

Além de ensinar o programa normal, que era o de alfabetização, também ensinava os alunos a cantarem o Hino Nacional e outras modinhas didáticas, trabalhos manuais..

A idade mínima para matrícula na escola era de seis anos, quando iniciavam a sua alfabetização.

Conta Dona Nissia que algumas das pessoas mais influentes, hoje, em Mairinque foram alfabetizados por ela: o atual Prefeito Dr. João Cômodo, e o Ex-prefeito e Dr. Antônio Alexandre Gemente.



Prof. Nissia de Oliveira Bastos

Anexo 5

PROFESSOR JOSÉ LUIZ BELLINI⁴⁹

Bellini nasceu em 13 de fevereiro de 1934, em Caldas, Estado de Minas Gerais, filho de Benedito Bellini e Francisca Bretas Bellini, casado com Virgínia Aparecida Maria Bellini.

Ele foi uma das mais influentes personalidades da cidade de Mairinque. Basta dizer que tanto em sua vida pública como na política sempre alcançou o sucesso. Como vereador foi até hoje o mais votado.

Ao mudar-se para Mairinque no final de 1945, com os tios Benedita Cruz e João da Cruz, Bellini foi trabalhar na zona rural na antiga Fazenda Coccozza, e quando terminava os seus afazeres, à tardinha, ainda lhe sobrava um tempo para dirigir-se até o Bairro Granada para fazer serviços de mão-de-obra de encanador e pedreiro. Ao mudar-se para a cidade, ingressou na Estrada de Ferro Sorocabana para trabalhar na Via Permanente, com sede na cidade de Osasco. Dentro de seu Currículo: Cursos Profissionalizantes na Escola Fernando Prestes, Tecnologia, Português, Tecnologia e Desenho de Plantas, depois, o Curso de Comércio Básico na Escola Técnica Barão de Piratininga (que ocupava a título de empréstimo, o prédio do Villaça), conclui o ginásio, o Curso de Contabilidade já em São Roque. Logo após ingressou no 2º ano do curso normal na EEPSG PROF. Horácio Manley Lane, São Roque, onde veio a formar-se professor, título que possui até hoje.

Professor Bellini prosseguiu os estudos: Administração Escolar em Sorocaba, Licenciatura-Pedagogia, Supervisão Escolar. Ingressou na Faculdade de Direito em Itu, e está atualmente finalizando o curso devido não ter podido concluí-lo antes, por conta exclusiva de sua vida pública e política.

Foi proprietário de uma farmácia num período em que Mairinque não possuía hospital. Foi um dos fundadores do hospital que existe até hoje na cidade. Após muito atuar em diversos setores da sociedade mairinquense e acreditando em uma contribuição ainda maior, começou sua carreira política, primeiro eleito Vereador (nesse período não havia

⁴⁹ Depoimento obtido por gravação - 30/10/98.

remuneração), depois foi eleito prefeito por duas vezes da cidade de Mairinque, uma em 1.982 e a outra em 1992.

Por todo esse tempo, o professor José Luiz Bellini tem sido – importante porque fez parte da Educação, ativamente. Fez o levantamento para o primeiro curso de mobral no município e lecionou, também como primeiro professor de mobral por 7 anos. Foi Diretor e Professor do Curso Supletivo que depois passou para a Prefeitura.

Bellini coloca como primeira escola, o Grupo Villaça e cita que no ano de 45 as escolas que existiam eram a de Moreiras, Dona Catarina e Guainã, inclusive era seu pai, o qual vinha buscar a professora de charrete.

Ele começou a lecionar em 1969, no mandato do Prefeito Sr. Arganauto Ortolani e trabalhou por quase todas as escolas existentes no município.

Além de professor, vereador e prefeito, atuou nas mais diversas áreas da comunidade. Na área social foi um dos fundadores da Beneficência Hospitalar de Mairinque; também um dos fundadores da primeira guarda de segurança que o Município possuiu; participou efetivamente das diretorias do Abrigo São Vicente de Paula, além de muitas e muitas vezes prestar serviços de solidariedade à população geralmente carente, dentro de sua área profissional de farmacêutico, especialmente por não haver médicos residentes na cidade naqueles tempos; integrante do Clube de Serviço Rotary. Na área esportiva, tomou parte por diversas vezes nas diretorias dos principais clubes da cidade: o Clube Atlético Sorocabana e a Associação Atlético Ferroviária.

Um fato importante que deve ser ressaltado nas localizações das escolas daquela época, é que na maioria das vezes localizavam-se bem próximas ao leito da Estrada de Ferro, tanto ao da Sorocabana, como ao da Ituana, isso para facilitar o transporte, principalmente dos professores que lecionavam nas escolas rurais.

Outro fato que merece atenção no depoimento do Sr. Bellini é a ordem cronológica que ele cita no aparecimento das escolas no município. Pela sua lembrança, as escolas mais velhas são a Escola “Prof. Manoel Martins Villaça”(hoje municipalizada), Escola do Bairro Moreiras, Escola do Bairro Dona Catarina e a Escola do Bairro Goianã. Bem mais tarde, a partir do final dos anos 60, é que vieram a ser criadas as outras escolas existentes atualmente: A Escola Altina Júlia de Oliveira, Escola “Prof. Horácio Ribeiro”, Escola do Bairro do



Marmeleiro (hoje “Prof.a. Teresa Caramante Chesine”), Escola “Prof.a. Benedita Camargo Valêncio”, seguindo-se as demais, construídas já bem mais recentemente.

Didaticamente, cita o professor Bellini, que na época em que começou a lecionar, em 1969, ainda existia aquele certo “tabu” de procurar evitar a atribuição de classe feminina ao professor, embora seja nesta época que começaram a se mesclar as classes com meninos e meninas, tornando-se mistas, e deixando cair essa concepção de que o professor não poderia dar aulas para a clientela feminina.

Acrescente-se, que devido ao aumento sempre crescente de alunos, houve uma falta de professor e isso também colaborou para que as escolas se adequassem ao novo sistema, a fim de atender toda a demanda de matrículas anuais.

Conta o professor que uma das primeiras escolas em que lecionou foi no Bairro de Alumínio, na Escola Alumínio, montada em um barracão e que deu origem, hoje, à Escola Honorina Rios de Carvalho Mello, no Bairro Pedágio, e pelas circunstâncias descritas acima as turmas eram mistas.

A metodologia do ensino ainda era a que vinha se arrastando pelo tempo, ou seja, aprendia-se o alfabeto, porém aprendia-se por frase, com a junção de letras. Aliás, foi nesse tempo que começaram as mudanças na metodologia com o aparecimento de cursos de aperfeiçoamento para professores, dos quais muitos deles contou com a presença do entrevistado.

A diferença entre o método de ensino antigo e o atual, é que hoje o professor se prevalece muito das figuras para os ensinamentos, como por exemplo, ao ensinar a palavra “dado”, era necessário ensinar o “a”, que juntando com “d” forma-se a sílaba “da”, o “o” com o “d” forma-se a sílaba “do”, e, juntando-se as duas, forma-se a palavra “dado”. Hoje com a figura do “dado”, além de ensinar de forma diferente, há facilidade do aluno visualizar o que esta aprendendo, embora às vezes não saiba escrever, mas já se saiba

Afirma ainda o professor que hoje, embora o método pareça mais difícil ao aprendido, na verdade não o é. Na época do “construtivismo”, o aluno, mesmo das primeiras séries já vão à escola sabendo muitas coisas. Por exemplo, já sabe que o bule serve para colocar café, aprendido já na própria casa, como muitas outras coisas: torneira,... Antigamente não, era tudo imaginário.

Em termos de matemática ou aritmética, como era chamada, aprendia-se já nas séries iniciais o sistema métrico, peso, volume e massa.

Fazendo uma comparação entre os ensinamentos de sua época de aluno, com os de hoje, acha o educador, que embora hoje tenha todas as facilidades da vida moderna, o ensino antigamente era melhor do que o de agora. Acredita que por ter essa facilidade há um certo desinteresse do próprio aluno em se esforçar para aprender, já que a máquina processa tudo e ele não tem muito trabalho em chegar ao resultado desejado.

O que mudou também, foi a diversificação das matérias, quando todas eram ensinadas simultaneamente, antigamente, hoje, são ensinadas separadamente, a partir já da 3ª série.

Em termos de aluno, para quem deu aula para adultos e crianças, a facilidade na criança que se interessa por tudo que é novidade. Se se aprende hoje, amanhã se interessa em saber mais. Já o adulto, praticamente conhece tudo, e se está matriculado em algum curso é por necessidade.

Os alunos, hoje, estão com muita liberdade, mesmo para quem seja o mais liberal possível, não encontra, em muitos casos facilidades para ensinar, principalmente com a falta de respeito e a falta de responsabilidade. Com a adoção do livro, o aluno estuda ou “decora”, mas sem muitas responsabilidades.

Quanto ao respeito aos professores, também estes mudaram, aliás, a partir das mudanças do Diretor de escola, os professores tiveram que ir se adequando à nova sistemática, embora ainda procurem sempre fazer o melhor.

Antigamente era mais “fechado”, num regime mais rígido, não podendo sair da linha traçada, o que atrapalhava um pouco.

Hoje, principalmente por causa da democracia, há uma certa liberdade que aproxima mais o professor ao aluno, embora o professor deva saber que ele é o professor e o aluno é o aluno. O professor deve se manter como tal, evitando um entrelaçamento maior, no que diz respeito a amizade. Por exemplo, evitar de todas as formas fumar junto com aluno.

Conta ainda o professor que quando foi investido ao cargo de Prefeito da cidade de Mairinque, se deparou, coincidentemente com o crescimento rápido da população e a necessidade premente de novas salas de aulas. Lembra-se que foram pelo menos 100 salas criadas nas mais diversas escolas, para o atendimento à demanda, além da criação de outras

escolas, já adequadas para acompanhar o constante crescimento de alunos, com projetos modernos e atualizados.



Prof. José Luiz Bellini em desfile da E.M.P.S. "Prof. Manoel Martins Villaza"

07/09/98

Anexo 6

EX-ALUNA ISABEL PIRES BARONE⁵⁰

Nascida em 02 de novembro do ano de 1916, em Taiuba, divisa de Bebedouro, Estado de São Paulo, Isabel veio residir em Mairinque na idade escolar, 8 anos de idade, que era a idade em que as crianças iniciavam seus estudos. Teve como primeira residência uma casa no Horto Florestal, depois passou a morar em um sítio à frente da fazenda Santa Amélia, hoje Avenida Brasil – Japão, próximo ao Bairro Três Lagoinhas.

Isabel Pires estudou no Grupo Escolar como aluna da tão conceituada Professora Altina Júlia de Oliveira. Conta, Dona Isabel, que estudou até o segundo ano, confirmado através do livro de matrícula e exames do ano de 1927, devido as dificuldades da época. Logo de madrugada dava início a longa caminhada aonde encontrava nesse percurso cobras enormes, jaguatiricas, tempestades, ...

A ex-aluna chegava à escola já exausta e às vezes sentindo-se mal. Falou com muito carinho da Professora Altina, que era muito boa, uma ótima profissional. Uma das expressões que utilizou com frequência para se referir a Professora era: D. Altina era como comer pão com mel. Do seu dia-a-dia ela não tem muita recordação. Falou que realizavam trabalhos manuais de artesanato. Que existia na época, para desenhar, um material como uns pauzinhos roliços para aprender a ler e escrever. Existiam ainda umas fichas que eles copiavam matemática, tabuada e contas. A História relatava os heróis, Geografia, não tem lembrança. Quando o aluno não entendia, a professora fazia novamente. Conta que o momento mais gostoso era do recreio onde comiam o lanche que traziam da casa e podiam brincar um pouco. Lembra que em casa tinha que ajudar na roça. Na ausência da Professora Altina quem substituíra era a Professora Ida Zecchi, muito severa. A escola era dividida entre os alunos que sabiam mais e os que sabiam menos, como a seriação.

Conta, Isabel, que teve maleita e muitas pessoas morreram neste período. Acredita ter suportado por comer muitos frutos que eram fartos naquela época. Enquanto moça trabalhou muito: na roça, também na casa da fazenda da família Whitaker.

⁵⁰ Depoimento obtido por gravação- 02/11/98

Declara a entrevistada que muitas de suas recordações já se apagaram da memória, provavelmente por força da idade, mas, se lembra muito bem quando chegava à escola, cantava o Hino Nacional, antes de adentrar à sala de aula.

Lembra também que tinha algumas colegas de outra classe, geralmente mais adiantadas que levavam bonecas de pano e outros brinquedos, geralmente despertando muita curiosidade às demais alunas, por ser sempre novidade, porque quase ninguém possuía esses brinquedos.

Ela se lembra que a Escola Villaça era totalmente diferente do que é hoje, inclusive em sua posição.

As lições passadas pelas Professora Altina eram dadas através de um papel colocado nas carteiras, e no outro dia todos tinham que levar os exercícios prontos. Naquele tempo não havia livros, cartilhas, cadernos. Também executavam trabalhos manuais, como cestinhas de taquara, por exemplo.

A maior dificuldade que encontrava era fazer contas, de multiplicação (vezes), soma.

Não se lembra com certeza do modo que era ensinado o alfabeto ou as palavras. Lembra sim, que era aplicada através de fichas que a professora tinha já em seu armário e distribuía para as alunas. Outra dificuldade era encontrada por aqueles alunos que moravam mais distantes da escola. Geralmente esses alunos chegavam atrasados na aula, como era o seu caso. Às vezes chegava a “dar vertigem”, obrigando a uma parada no meio do caminho, já que o trajeto era vencido a pé. Dificilmente dava tempo de almoçar, trazendo apenas um “lanchinho”.

Como não poderia ser, também lembra Isabel, dos castigos. Quando o aluno “aprontava”, e isso sempre era aplicado pela Professora Ida Zecchi, o castigo mais comum era ficar “de costa em pé no canto da sala”.

O material e o uniforme eram comprados pelos pais, os quais demonstravam acentuado grau de dificuldade.



Isabel Pires Barone - 1997

Anexo 7

SR. LEONILDO ARRUDA DE MORAES⁵¹ .

Sr. Leonildo nasceu em 02 de novembro de 1915. Entrou na escola com 8 anos de idade.

Residia na zona rural, e fazia de sua casa, distante pelo menos 5 quilômetros da escola, em uma hora.

Lembra, como os demais, que a escola está situada no mesmo local, onde se encontra hoje. Comercializava leite na Vila Mayrink e fabricava desde criança vinho para o vinhateiro Sr. João Firmino de Moraes.

Leonildo lembra que as classes eram separadas por sexo: meninos e meninas. Ele também foi aluno da Professora Altina Júlia de Oliveira, a qual considerava “uma mãe”.

Um dos professores mais bravos que se lembra, foi o Professor Antônio Pereira, seu professor no 2º ano. No 3º ano seu professor foi o Sr. Mário Aguiar. Estudou Geometria, Matemática, Desenho, História do Brasil.

Continuou seus estudos na cidade de Sorocaba, onde fez o Curso Básico de Marcenaria com duração de três anos.

Em São Paulo fez Mestria, no Instituto Profissional Masculino, formando-se professor.

Em 1938 passou no concurso público, assumindo em 1939 o cargo de Professor na cidade de Lins, nas disciplinas de Desenho Técnico e Marcenaria, passando depois a dar aulas no Ginásio Industrial, por 28 anos quando veio aposentar-se .

Um dos fatos mais marcantes que se lembra, já como Professor, foi ter conseguido regenerar um aluno que era comprovadamente ladrão. Sem alarde, conseguiu que o aluno voltasse ao bom caminho.

Hoje com 83 anos reside em Mairinque, e ainda trabalha com madeira em uma oficina nos fundos de sua residência.

⁵¹ Depoimento obtido sem gravação – 05/11/98

As informações prestadas pelo Sr. Leonildo, pode ser comprovada, pelo livro de exames finais de 1927, na folha 5.

Anexo 8

ERMÍNIO DE MORAES E HELVÍDIO DE MORAES.⁵²

Ermínio e Helvídio são irmãos e nascidos em Mairinque estão entre os mais antigos moradores da cidade e relatam com muito orgulho seu tempo de aluno na Escola Villaça. Hermínio nascido em 30 de Agosto de 1913 e Helvídio em 03 julho de 1917.

Tiveram como professores: no primeiro ano Prof.a. Altina Júlia de Oliveira, no segundo Prof.a. Ida Zecchi e no terceiro Prof. Mário Aguiar, Sr. Hermínio cursou por dois anos o terceiro ano por não ter na cidade o quarto ano. Seu Helvídio cursou os três anos com os mesmos professores, depois seu pai mandou-lhe que tivesse algumas aulas particulares com professor local, dando continuidade nos estudos no Colégio Técnico em Sorocaba no curso de Mecânica, por três anos. Posteriormente seguiu a São Paulo para fazer mestría e decidiu parar os estudos não exercendo a profissão, pois dizia não gostar muito.

Primeiro eles residiram no Bairro do Marmeleiro, depois passaram a residir pouco à frente do Bairro Lagoinha, uns 5Km de distância da escola, e neste percurso da casa até à escola vinham vendendo diversos produtos como: leite, ovos, ... Conta, seu Helvídio que brincava muito no caminho até à escola: guerra de pedras e quando abordava uma freguesa dizia: “compre de mim pois sou o mais novo”, e certas vezes com outros amigos “mancava” nas aulas. Tirando estes momentos de brincadeira, era um caminho difícil: não existia carro e nem dava para passar, vinham descalços e quando estavam quase chegando à escola, lavavam os pés para calçar os sapatos, isso diariamente, chovendo ou fazendo sol.

Eles tinham muita fartura, mas a custa de muito trabalho. Quando não estavam na escola, trabalhavam na roça ou cuidando dos animais. Retomando as colocações da escola, falam com muito carinho da professora Altina a qual os alfabetizou e que era como uma mãe, muito boa, permitindo que os alunos frequentassem sua casa. Com ela não existiam castigos, tinham aulas inclusive aos Sábados.

⁵² Depoimento obtido por gravação – 16/11/98

“A Prof.a. Ida Zecchi era muito severa: No porão da escola existia uma caveira e que se não obedecesse iria para o porão, ficar em pé feito um “postinho,” e até ajoelhar no milho caso não aprendesse”.

O Prof. Mário Aguiar homem muito culto ensinava inclusive Física e Química sempre com experiências. Colocam que o ensino até o terceiro ano era muito completo e que comparando com seus netos seria aquilo que os alunos de hoje aprendem até a oitava série.

No período em que estudavam, a escola era mista, não existia caneta esferográfica, usavam caneta de pena. Traziam cada um seu lanche , não existia uniforme, e os professores ensinavam sempre da prática para a teoria (primeiro contar com milhos e depois no papel). Dos três irmãos Moraes que tive o prazer de entrevistar, o mais falante e brincalhão é seu Helvídio.



Irmãos Moraes— 1999

Anexo 9

VICENTINA NASTRI DE GOES⁵³.

Vicentina também é uma das mais antigas professoras, nascida em 12 de dezembro de 1914. Iniciou sua carreira como Professora na Rede Pública em 1938 e lecionou até 1965, na mesma rede. A clientela escolar sempre foi a da alfabetização, ou seja, crianças de 7 anos, as quais davam os primeiros passos rumo à formação escolar. Esporadicamente lecionava para as 2ª e 3ª séries.

As classes possuíam na época de 40 a 42 alunos. Lembra que o método de ensino era baseada em “cartelas” e cartilhas. As “cartelas” continham as letras – A, E, I, O, U, e depois iam formando-se as palavras.

Conta Vicentina, que fez várias palestras com professores da região sobre este método utilizado, especialmente nas escolas de Mairinque. A avaliação dos alunos era praticamente no método de chamada oral, utilizando-se da lousa, fora as provas mensais, e era explorada a gramática, segundo a entrevistada, “muito importante”! Quando um aluno, por ventura, não conseguia acompanhar os demais alunos da classe, era chamado mais vezes à lousa. Esta chamada oral era sempre de modo individual.

Outra maneira era de “chamada”, também individual, na mesa do Professor onde o aluno tinha que ler um texto da cartilha. Em Matemática, o ensino baseava-se principalmente nas 4 operações – adição (soma), multiplicação, subtração e divisão, e a tabuada, iniciando-se pela casa do “2”. Mas, o programa não consistia só nos ensinamentos de Português e Matemática.

Era ensinado, também História, Geografia, aproveitando-se aí, desenhos (figuras), extraíndo-se depois um questionário, trabalhos manuais e Educação Física. Essa maneira de ensinar, é hoje conhecida como “Maria Chorona”. Importante registrar que a cartilha só era utilizada depois de vencida a etapa da “cartela”, que era praticamente um complemento para o

⁵³ A depoente não trabalhou no município de Mairinque, manteve seu depoimento – 17/11/98.

ensino. O dia a dia da escola era praticamente o normal, com o canto do Hino nacional na entrada, cantos no intervalo (recreio).

Havia a utilização do uniforme e o lanche era preparado em casa e levado à escola. No início, os uniformes eram comprados com fundos da Caixa Escolar, mas com o tempo, foram “enfraquecendo” as contribuições e os próprios pais tiveram que arcar com esta parte. O que ficou bastante expressivo foi a diferença de salários, comparados aos atuais. Segundo a entrevistada, o salário de um professor na época, eqüivalia a um salário de um magistrado.

As maiores dificuldades estavam concentradas na compra do material escolar (caderno, lápis, livros), que já eram caros naquela época. A Caixa Escolar contribuía ajudando os alunos mais carentes.



Vicentina NASTRI de GOES

Anexo 10

EMÍLIA MIRANDA BORGES PEREIRA.⁵⁴

Emília Miranda nasceu em 01/10/1936, participou da vida educacional do Município como aluna e depois como Professora. Iniciou sua vida escolar como aluna em 1943, na hoje, Escola Municipal de Educação Fundamental “Prof. Manoel Martins Villaça”.

Emília lembra perfeitamente das primeiras professoras nas 4 séries iniciais. Depois como professora seu trabalho foi dirigido aos alunos das 4ª séries e por 16 anos ministrou aulas nessa série.

Como Professora iniciou na Escola Villaça em 1956. Além da Escola Villaça, lecionou em Ibirarema, próximo de Assis, por 4 meses e na Escola do Bairro Moreiras, também em Mairinque. Aposentou-se em abril de 1985.

Em seu tempo de aluna lembra-se perfeitamente de que os alunos que não moravam no centro, utilizavam-se de cavalos para o transporte da casa até à escola. Os professores que lecionavam nessa época residiam ou em Mairinque ou em São Roque ou ainda em Sorocaba.

A sua alfabetização foi pela “Cartilha Sodré”, segundo ela, um método gostoso e fácil. Além das disciplinas que eram praticamente as mesmas de hoje, dava-se muita ênfase ao ensino religioso nas escolas. Quanto a disciplina dos alunos, era muito rígida, não sendo permitido falar, levantar, e se isso acontecesse, era punido com uma “reguada”. Nas disciplinas de História e Geografia eram estudadas mais os fatos relativos ao Brasil.

Lembra-se, Emília das canetas-tinteiro que eram com “pena”, “molhava-se a ponta da pena no tinteiro e escrevia no papel.” O material didático utilizado era muito mais simples que o de hoje. Era um lápis, uma borracha, uma caneta de pena até aparecerem as canetas-tinteiro com recipientes internos para tinta. Era diferente de hoje que existe uma “parafernália” de material que chega às vezes atrapalhar o bom andamento do ensino.

O método de ensino de Matemática era diferente em relação ao de hoje que é mais concreto, utilizando-se blocos lógicos, material dourado, o que não existia naqueles tempos,

⁵⁴ Depoimento obtido por gravação – 19/11/98.

quando era ensinado na “raça”. Ela era , segundo seu relato, muito participativa nas coisas da escola, tanto no aprendizado como nos trabalhos extra-classe. Emília define como um tempo maravilhoso, sua vida escolar como aluna, especialmente, os quatro primeiros anos.

Das 4 primeiras professoras, apenas uma ainda está viva. Trata-se da Professora Maria Ofélia da sua 2ª série, embora bastante idosa, ainda continua lúcida e com boa saúde.

Emília Miranda reporta e reforça o papel da estrada de ferro em Mairinque, a qual considera o marco principal de toda a vida da criança daquela época, pois com exceção de uns dois, todos os demais pais eram ferroviários. Um dos principais “hobbies” do tempo era ir passear na estação ferroviária, principalmente nos horários que iam trafegar os trens de passageiros no sentido interior ou sentido capital.

Quanto a avaliação, era feita apenas uma, no final do ano letivo, e com aulas aos sábados. O ano letivo iniciava-se no dia 16 de fevereiro e encerrava-se no dia 14 de dezembro com férias em julho inteiro.



Emília Miranda Borges — 6^ª de lado esquerdo para o direito.

Primeiro Período de abril de 1961 — Iracema Câmara, Irene Minelli, Carmem Ferezinha Mauro, Neube P. Lima, Herminia, Enilda Delosso, Leo. Lembrança da confraternização do Grupo Escolar "Prof. Manoel Martins Villaga" — 14/12/1961. Da esquerda para direita: Irene Mineli, Thereza C. Chesine, Neube Pássaro Lima, Carminha Scharbel, Nadir da Dudnik, Emília Miranda Borges, Enilda Delosso, Daise Garbino Borgato, Benedita Valêncio, Erminia, Ferezinha Bello, Dirce de Lemos, Leocadia e Iracema Câmara.

Anexo 11

TEREZA CARAMANTE CHESINI

Tereza era filha de Francisco Caramante e Angelina Perroti Caramante natural de Laranjal Paulista – SP, onde nasceu aos 30/10/1924. Foi Professora no Grupo Escolar Prof. Manoel Martins Villaça, entre os anos de 1945 a 1963; no ano de 1967 foi nomeada Diretora da mesma escola, ficando no cargo até aposentar em 1983; também foi auxiliar de Inspeção das Escolas do Município. Casada com João Chesine, tendo com ele cinco filhos, foi presidente da Obra Social Municipal durante 9 anos; Supervisora pedagógica voluntária do Curso Supletivo Municipal; Supervisora pedagógica voluntária do Mobral e Presidente da Rede Feminina Regional de Combate ao Câncer de Mairinque.

Depoimento: A EDUCAÇÃO EM MAIRINQUE

A História da Educação em Mairinque inicia-se em 1918 com a primeira, segunda e terceira Escolas Isoladas, as quais funcionavam no prédio da antiga enfermaria da Sorocabana.

Mairinque era uma vila essencialmente ferroviária.

Para melhorar as condições das escolas a Estrada de Ferro Sorocabana cedeu gratuitamente um prédio maior (antigo alojamento dos trabalhadores das oficinas). O prédio era simples: 5 salas de aula separadas internamente por paredes de madeiras; a diretoria, a portaria, um grande pátio para recreio, boas instalações sanitárias e muita água.

Em 1933 entrei na primeira série e fui alfabetizada pela carinhosa Dona Altina. O Diretor era o Prof. José de Andrade. As professoras se sucediam: Sara Mazzeo, Guiomar Ribeiro Lopes, Maria Escolástica Rosa, Ida e Romilda Zecchi, que nas faltas eventuais eram substituídas por Inês Ribeiro Lopes, Lídia Gomes e outras. O Zelador era o saudoso Miguel de Oliveira, dedicado, mas severo e que mantinha a escola impecavelmente limpa.

Recordo das festas cívico - escolares e suas belas exposições de trabalhos manuais dos encerramentos dos anos letivos. Quanto gosto e quanta dedicação daquelas Professoras! Os

anos passam, a escola se amplia em número de classes. O prédio é o mesmo; os períodos se desdobram.

Meus primeiros quatro anos de estudos foram felizes nesta escola. Em Sorocaba, cursei o ginásio e a Escola Normal. Recém formada, voltei em 1945 com todo o entusiasmo e comecei a lecionar como substituta, sendo Diretor, o Prof. Joaquim Barbosa e o Corpo Docente, entre outros, Castorino de Almeida e sua esposa D. Zizi, Olga Garcia Bittencourt, Horácio Ribeiro, Dinha Dória Carneiro.

Em 1946 a escola recebeu o nome de um sanroquense, Prof. Manoel Martins Villaça.

No Distrito de Mairinque existiam dois Grupos Escolares: o da sede “Prof. Manoel Martins Villaça” e o “Comendador Rodovalho”, hoje o Distrito de Alumínio. Havia ainda a “Escolinha da D. Nice” que para uns era a “Escolinha do Sindicato” e para outros “Escolinha da Prefeitura de São Roque”. D. Carlota e D. Palmira também colaboraram na educação da infância através da escolinha particular que mantinham.

Em 1948 deixei novamente a escola de Mairinque para ingressar no magistério como Professora efetiva na Escola do Bairro Sorocamirim, em São Roque, retornando em 1949 no “Villaça” até fevereiro de 63 quando ingresso como Diretora, em Avaré.

Com o desenvolvimento de Mairinque surge a necessidade de instalações mais adequadas para o atendimento da demanda escolar; o velho prédio é demolido em 1956; as classes passam a funcionar provisoriamente em salas cedidas pelas Igrejas, pela S.R.M. e pelo Parque Infantil que já se esmerava na recreação das crianças de idade pré-escolar. No mês de Agosto de 1958 é inaugurado o novo prédio. A Diretora na época, Prof^a. Maria de Oliveira Lellis Ito. Com a elevação de Mairinque a Município em 1960 todas Escolas Rurais que existiam dentro do nossos limites passam a ser vinculadas ao “Villaça”, agora também Inspeção Auxiliar.

Graças aos esforços das autoridades e do trabalho voluntário de alguns professores mairinquenses, tivemos a criação e instalação do Ginásio Estadual que funcionou, inicialmente, no prédio do “Villaça” até a construção do atual. Para completar a alegria da comunidade, o ginásio recebeu o nome da primeira Professora mairinquense “Altina Júlia de

Oliveira” Decreto 18/58, DOE 23.06.60. Cria-se o 2º Ginásio Estadual de Mairinque, em Alumínio⁵⁵ e recebe o nome da primeira Professora aluminense “Isaura Krugger”.

O Bairro do Marmeleiro cresceu e as escolas rurais ali existentes passam a formar a “E.E.P.G. Do Bairro Do Marmeleiro⁵⁶”, Decreto 41151, DOE 11.12.62.

Havia uma Escola Rural no Bairro do Setubal, mas já não correspondia ao progresso da Colônia Japonesa e o Bairro Oriental necessitava de escolas, também. Atendendo o objetivo destes dois Bairros e também o Bairro Três Lagoinhas, a Prefeitura Municipal construiu o prédio e o Estado instalou o grupo escolar, hoje E.E.P.G. “Prof. Horácio Ribeiro”, Decreto 672, 25/11/66, em homenagem ao grande Professor que lecionou em Mairinque muitos anos e, ao falecer, era o Delegado de Ensino.

O Bairro do Pedágio e da Vila Paraíso em Alumínio⁵⁷, possuíam Escolas Isoladas e com o crescimento demográfico houve a necessidade de construção de um prédio próprio, construiu-se a E.E.P.G. “Honorina Rios de Carvalho Mello”, nome dado em homenagem a “Nina”, grande colaboradora das Obras de Assistência Social de Alumínio. Lá registramos, além das escolas estaduais, a escola de primeiro grau mantida pelo SESI e a escola particular “Liceu Roberto Simonsen”- Escola Técnica de 2º Grau.

É a vez do Bairro da Nova Mairinque, que possui Escola Agrupada com 6 classes e atende alunos vindos também do CECAP; construída então a E.E.P.G. “Jardim Cruzeiro⁵⁸”, Decreto 20.349, DOE 08.01.83.

Finalmente, as escolas do Bairro da Granada, que atende também os alunos da Vila Barreto, passam a E.E.P.G. “Profª. Benedita Camargo Valêncio” RS. SE. 29/12, DOE 30.12.76, saudosa Professora do município.

Surge o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, que em convênio com a Prefeitura Municipal, abre escolas em quase todos os bairros pretendendo erradicar o analfabetismo. Os resultados foram animadores; temos classes ainda : no Villaça, no Marmeleiro, no Pedágio e no Bairro Capuava, em Alumínio.

⁵⁵ Alumínio era Distrito de Mairinque na data da entrevista.

⁵⁶ Hoje, E.E.P.G. “Profª Thereza Caramante Chesine”.

⁵⁷ Idem a nota 37.

⁵⁸ Hoje, E.E.P.S.G. “Profª Maria de Oliveira Lellis Ito”.

Outra grande oportunidade se abriu no setor de educação com a Prefeitura Municipal instalando em Mairinque e em Alumínio a Escola Municipal do Ensino Supletivo, de 5ª a 8ª séries , com o objetivo de dar continuidade de estudos aos jovens e adultos que já haviam concluído a 4ª série e não haviam prosseguido em tempo regular, também por motivos vários.

Tereza Caramante Chesini trabalhou como Diretora da E.E.P.G. “Prof. Manoel Martins Villaça”, desde 1967 até 1983. A Direção foi entregue à Profª. Terezinha de Souza Arruda Bello; depois à Profª. Elizabeth Emmert e atualmente à Profª. Augusta de Camargo.

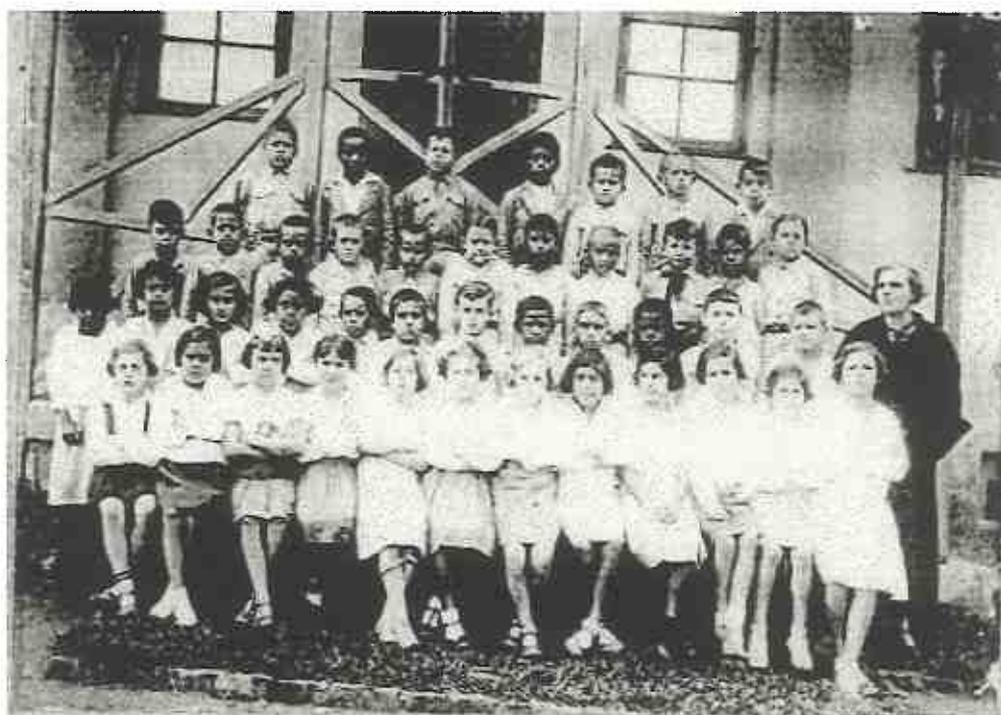


Tereza Caramante Chesini — 6ª do lado direito para esquerdo. 1961.

Iracema Câmara, Irene Minello, Neube P. Lima, Iderminia, Enilda Delloso, Leocádia Monteiro, Tereza Caramante Chesini, Maria de Lellis Ito (Diretora), Salete, Dirce de Lemos, Valdemar, Dayse S. Bergato.



Prof. Altina Júlia de Oliveira



Prof. Altina Júlia de Oliveira—1º ano misto

VI - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

3º Centenário de São Roque . Gráfica André Villani, sp..

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais.** Brasília: MEC/TNEP, 1994. (Série Documental: eventos, n.s.).

E.M.E.F. “Prof. Manoel Martins Villaça”. **LIVROS DE EXAMES.**

----- **LIVROS DE INVENTÁRIOS.**

----- **LIVROS DE MATRÍCULAS.**

----- **LIVROS DE TERMOS DE VISITA.**

EXPO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS – EDIÇÃO PARA O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: Rede Municipalista de Divulgação e Imprensa, 1974. 307 p.

FIGUEIREDO, João Roberto Pinto (PELICA). **Caminhos percorridos.** Mairinque (SP): MK Cidade, 1984.

JORNAL “MK CIDADE”. Mairinque (SP), 1982/1985.

JUNDIAI. ESTRADA DE FERRO SOROCABANA. **Relatórios.**

LESSA, Francisco de Paula Mayrink. **Vida e obra do Conselheiro Mayrink.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1975.

MORAES, Marieta de. (org.). **História oral.** Rio de Janeiro. Diadorim, 1994. (Autores com trabalhos publicados: Michel Trebitsch, Aspásia Camargo, Mercedes Vilanova).

NADAI, Elza. **Por uma história oral da educação no Brasil.** Brasília: MEC/INEP. 1994. (Série Documental: Eventos, n.5)

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república.** São Paulo: EPU/MEC. 1974,1976 reimpressão.

OLIVEIRA, João Gualberto de. **Conselheiro Francisco de Paula Mayrink.** s.l.: s.n., 1958.

RELATÓRIOS DA FEPASA

SANTOS, Joaquim Silveira. **São Roque de outrora.** Relatos publicados pelo jornal “O Democrata”.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 272p.

Universidade de Sorocaba. Pró – Reitoria de Pós – Graduação e Pesquisa. Biblioteca Aluísio de Almeida. **Normalização de apresentação de teses, dissertações, monografias e trabalhos de conclusão de cursos da Universidade de Sorocaba.** Sorocaba: UNISO, 1998. 60p.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. In: MORAES, Marieta. **História oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
